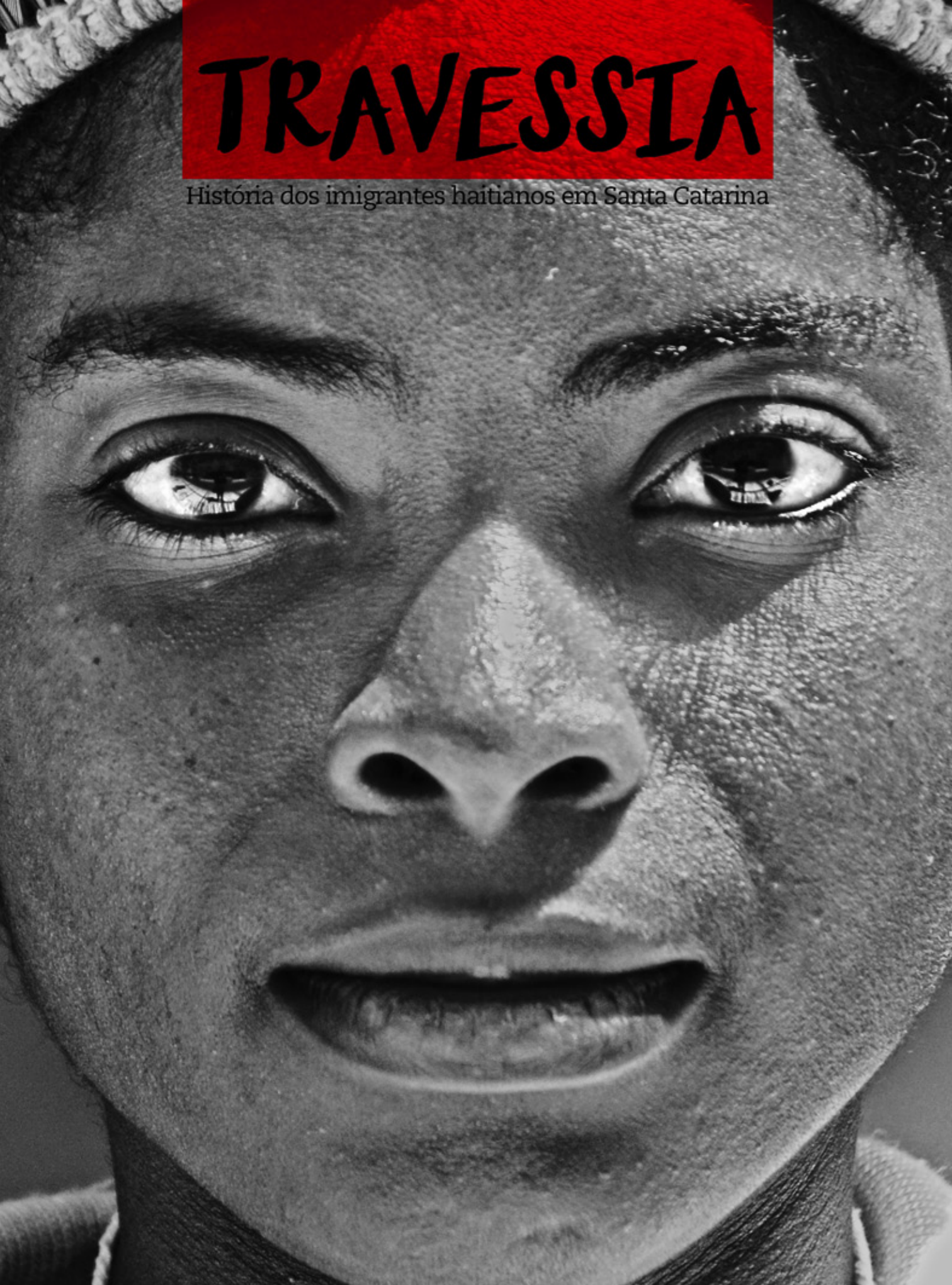


# TRAVESSIA

História dos imigrantes haitianos em Santa Catarina



Novos rostos  
da multidão

**TRAVE**

Eles nasceram na pérola das Antilhas, a menina dos olhos dos franceses e cobiça dos espanhóis. Na colônia mais próspera do século XVIII, a primeira a se libertar de Napoleão Bonaparte. Fruto de uma revolução única, liderada pelos escravos que conquistaram a independência de suas terras, em 1804. Livres em um solo estéril destruído pelas tropas do país da liberdade, igualdade e fraternidade.

Os 10,4 milhões de habitantes vivem no país mais pobre das Américas, em uma terra dividida. Metade sente fome, 51,8% são subnutridos e metade não sabe ler e escrever, 51,3% são analfabetos, estima a Organização das Nações Unidas. Para fugir da pobreza, eles migram.

Chegam no Brasil cruzando um pedaço da América com desconhecidos - que falam a mesma língua e tem os mesmos costumes. Viajam para a República Dominicana, Panamá, Equador e Peru, por onde atravessam um caminho sinuoso e clandestino até a cidade de Assis Brasil, no Acre. Uns poucos viajam de avião. Organizam as papelas e aguardam em Porto Príncipe o tão esperado visto. São 80 mil haitianos que vivem no Brasil, diz o cônsul brasileiro no Haiti, Victor Hugo Irigaray.

# SSIA

A cadeia de montanhas que corta a ilha de Hispaniola ajudou a moldar o futuro do Haiti e da República Dominicana. Enquanto na parte oriental vivem os dominicanos, os haitianos habitam a ocidental. As chuvas que atingem o arquipélago caem com mais frequência na República Dominicana. A natureza favoreceu a ex-colônia espanhola. O Haiti é mais seco que o vizinho e seu solo é menos fértil. Grande parte da terra mais valiosa da França foi desmatada.

Hoje, mais de 485 mil haitianos vivem na República Dominicana e trabalham na indústria da carne e de açúcar. Representam 87,3% dos imigrantes no país, sendo que apenas 10% estão legalizados, indica o Observatório Político Dominicano.

Em 2014, 43.100 haitianos espalharam-se pelo mundo. A taxa de migração no Haiti é de -4,12%, estima a Agência de Inteligência Americana (CIA). O Censo americano de 2010 revela que cerca de 975 mil pessoas com ascendência haitiana moram nos Estados Unidos.

Os haitianos são obstinados como os mineiros em busca do ouro. Escarafuncham a terra para encontrar um trabalho, estudos, oportunidade. O plano é vender o que tem, contar com a ajuda de parentes e amigos, pagar como pode e recomeçar.

Ficam por pouco tempo em uma cidade do Brasil, apenas enquanto têm trabalho; depois partem atrás de um outro emprego, com avidez para descobrir o melhor que o país pode prover. Muitos desses percorreram 4.139 km, do Acre até o Sul do país, região que concentra 60% dos haitianos, informa o relatório "Os novos rostos da migração", de 2014.

Santa Catarina é o estado com menos negros no Brasil, 2,9%, e com a maior proporção de brancos, 84%, conforme o censo de 2010 do IBGE. Orgulha-se de ter sido colonizada por alemães no Vale do Itajaí, os portugueses açorianos no litoral e os italianos no Sul. Com a chegada dos imigrantes, mudam-se os rostos da multidão.

Eles têm a pele preta e reluzente, como se banhassem a óleo. A maior parte da população haitiana é negra, 95%, de acordo com *The World Factbook*, banco de dados da Comunidade de Inteligência dos Estados Unidos (CIA). Os olhos em forma de amêndoas brilhantes observam o entorno com desconfiança. Quando estão seguros, contraem os lábios grossos e revelam um sorriso com dentes muito brancos.

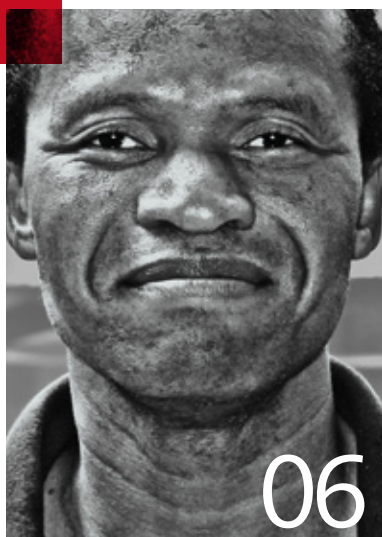
Essa gente de riso frouxo e conversa fácil, dança no seu ritmo, o *konpa* e conserva a sua religião, o vodu. Moram em casas superlotadas, dividem os quartos e abrigam sempre mais um que não tem onde dormir.

Trabalham incansavelmente nas agroindústrias do Oeste de Santa Catarina, nas indústrias têxteis de Blumenau e nas fábricas de Joinville. O movimento repetitivo e mecânico que exercem nada têm em comum com seus trabalhos de formação, mas muito com o ímpeto de sobreviver e trazer o resto da família para o Brasil.

{ ÍNDICE }

# TRAVESSIA

História dos imigrantes haitianos em Santa Catarina



06

Trabalho



26

Família



32

Educação



39

Fé



42

História



44

Políticas Públicas

{ EXPEDIENTE }

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo**

Aline Viqueti Karazawa Takaschima

**Orientação**

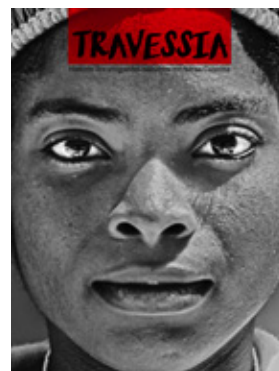
Jorge Kanehide Ijuim

**Projeto Gráfico e Editoração**

Eduardo Motta

**Fotos**

Aline Takaschima, Jessica Michels, Luiza Kons, Luiz Fernando Carioni, Paloma Gomide, Pedro Stropasolas, Sergio Vignes  
Florianópolis, novembro de 2015



**Foto de Capa:**

Luiza Possami Kons

**Personagem:**

Nahomie Laurore



# TRA- BA- LHO

*“Afinal, o que é um imigrante? Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, nesse caso, quase um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhador (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento.”*

*Abdelmelek Sayad, em A imigração ou os Paradoxos da Alteridade*

**C**hrislyn Bastien Joseph acordou de súbito antes do despertador tocar e se levantou às pressas para tomar banho e vestir a melhor roupa do seu armário - reservada para entrevistas e reuniões importantes. Naquela manhã de agosto de 2014, ele desmanchou as tranças miúdas rente ao couro cabeludo e vestiu a camisa rosa claro, usada anteriormente na apresentação do trabalho de conclusão de curso na Universidade do Rio Grande do Sul (URGS). Calçou seu Oxford, devidamente engraxado na noite anterior e a calça jeans recém passada. Quando chegou no bairro São Cristóvão, em Chapecó, ajustou o cinto marrom que combinava com o sapato e apalçou a carteira guardada na calça. Lembrou que tinha apenas algumas moedas para pegar o ônibus e voltar para casa. Mesmo assim estava otimista. Tinha a chance de ser selecionado para uma vaga de Engenheiro de Produção, na Aurora Alimentos.

A empresa agroindustrial foi buscar os primeiros trabalhadores haitianos, em Brasileia, no Acre, em fevereiro de 2012. Adriana Perin, coordenadora de gestão de pessoas, afirma que a escassez de mão de obra brasileira impulsionou as contratações. A maioria dos estrangeiros que vive no Oeste de Santa Catarina trabalha nos abatedouros de carnes. Dos 2.500 haitianos que moram na cidade, 1.057 estão empregados na Aurora Alimentos.

Assim que chegou em frente à empresa, Chrislyn admirou os três arcos amarelo, laranja e vermelho que se destacam na fachada do conjuntos de prédios brancos. Foi até o setor de Recursos Humanos e esperou ser chamado para a tão esperada entrevista na “melhor empresa de aves e suínos do Brasil”, classificada pela Revista Exame, em 2015. Após 15 minutos de espera, entrou no escritório e entregou o currículo. O estudante de 32 anos foi aprovado



CHRISLYN BASTIEN JOSEPH

FOTO: Aline Takaschima

junto com mais 88 haitianos para estudar no Brasil através do convênio Pró-Haiti, em 2011. Em 2013 concluiu o curso de Engenharia de Produção na URGs, e em 2014 passou em primeiro lugar entre os haitianos para Administração na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

- Olha, nós temos muitos haitianos trabalhando na empresa. Você não quer começar como auxiliar de produção para se familiarizar com o serviço? Você pode crescer na Aurora – propôs a recrutadora em menos de cinco minutos de entrevista.

- Acho que não. Obrigado – disse Chrislyn desapontado, lembrando que enquanto o auxiliar de produção ganha em média R\$ 1.300, o ordenado do engenheiro de produção recém-formado é de seis salários mínimos.

Nos sete primeiros meses de 2015, a Superintendên-

cia Regional do Trabalho e Emprego (SRTE-SC) emitiu cerca de 3.070 carteiras de trabalho a haitianos em Santa Catarina. Os primeiros pedidos começaram a chegar em 2011, quando o estado expediu os quatro primeiros documentos. Em 2013, eles se tornaram o grupo de imigrantes mais numeroso no mercado de trabalho formal do país, com 14,6 mil contratados, conforme o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). “Com a carteira de trabalho eles se sentem seguros. O documento também serve como identificação. É tão importante quanto o visto americano de um brasileiro nos Estados Unidos.”, afirma Carlos Artur Mambrini, diretor da SRTE-SC.

Se para um brasileiro, a carteira de trabalho fica pronta em até três dias, os haitianos recebem o documento no dia seguinte ou até no mesmo dia. Mambrini explica que a Superintendência tenta evitar um problema social. “Se eles não conseguem emprego e não tem moradia vão para as ruas e a gente não quer isso.”

{ TRABALHO }

# DOENÇAS DA

# CARNE

Ainda é madrugada quando **Jean Innocent Monfiston** sai da cama para ir trabalhar. O haitiano de 30 anos é tradutor e intérprete, na Aurora Alimentos. Entre as 4h até as 4h40, percorre os diferentes setores e conversa com os funcionários conterrâneos. “Meu papel é de facilitador”.

Como líder do grupo de 60 pessoas da Associação de Haitianos de Chapecó, ele orienta:

- A indústria é uma porta de entrada para começar a vida. Mas eu não aconselho ficar cinco, dez anos na empresa. Porque o trabalhador vai economizar dinheiro enquanto trabalha e esse dinheiro vai para o hospital depois.

Segundo o levantamento realizado em 2013, pelo Ministério Público, “Perfil de Agravos à Saúde em Trabalhadores de Santa Catarina”, o trabalho nos frigoríficos e no abate de suínos foi o setor que mais registrou afastamento por doença. Entre 2005 e 2011, 19,3 mil trabalhadores da agroindústria receberam benefícios previdenciários. O que corresponde a 39% dos 50 mil empregados, no ano em que a pesquisa foi feita. Em setembro de 2015, cerca de 400 casos de acidentes de trabalho foram registrados pelo Sindicato Trabalhista de Carnes e Derivados de Chapecó (Sitracarnes) e devem ser encaminhados à Previdência Social.

Os movimentos repetitivos e o posicionamento do corpo para exercer a mesma atividade por até oito horas tem provocado doenças como lesão por esforço repetitivo (LER) e problemas de coluna, conforme explica o presidente da Sitracarnes, Jenir Ponciano de Paula. Outra doença que apareceu entre os trabalhadores é a depressão. Para Jenir, uma série de fatores influencia como “a pressão, meta, horário, frio e dores no corpo”. Em alguns setores das empresas, as temperaturas variam entre 8°C e 10°C. “Os setores são frios e úmidos ou quentes e com muito ruído. Não somos uma máquina para trabalhar nestas condições”.

*“Eu não aconselho ficar cinco, dez anos na empresa. Porque o trabalhador vai economizar dinheiro enquanto trabalha e esse dinheiro vai para o hospital depois”*

*Jean Innocent Monfiston*





JEAN INNOCENT MONFISTON

FOTO: Aline Takaschima

# ROTATIVIDADE

“A gente acostuma, a gente acostuma, a gente acostuma”, sussurrou **Androny Font**, como se recitasse um mantra. O haitiano de 39 anos trabalha em Chapecó na inspeção de peito e peru da multinacional BRF (Brasil Foods), detentora das marcas Perdigão, Sadia, entre outras. Entre as 5h25 até as 14h40, ele é responsável por limpar a carne que rola na esteira.

Com a cabeça levemente encurvada para frente e o cabelo ralo, Androny é de trato fácil. Seu vizinho senegalês, Alioune Diouf o define como o haitiano mais gente boa que conhece. Na empresa não é diferente. “Os colegas são bons e a supervisora também. Gosto de todos.” O que o incomoda é o frio e de ter que manusear os produtos congelados. “Eu gosto um pouco do trabalho, não muito.”

Androny oferecia excursões para os turistas, em Puerto Plata, na República Dominicana. “*Bon maten, bonjour, buen día, good morning!*”, cumprimentava o agente de turismo em quatro línguas: crioulo, francês, espanhol e inglês. Ele trabalhava na cidade litorânea, com vendas de pacotes de viagens e promoções de hotéis. Ao longo de seis meses, a procura por viagens diminuiu e as vendas caíram. Foi quando decidiu tentar a sorte no Brasil. Chegou ao país em fevereiro de 2014, após viajar de ônibus pelo Peru até o Acre.

- Aqui o país é maior e oferece muitas oportunidades de emprego. Quando você viaja, conhece outras culturas.

Ele trabalha há um ano na empresa e ganha um salário de R\$ 1.300. Mas gostaria de encontrar um emprego no ramo de hotelaria.

- Você mora em Florianópolis? - questionou ao final da entrevista. - Há muita oportunidade de emprego

na área? Será que eu consigo trabalhar com carteira assinada ou contrato temporário?

Adriana Perin enumera alguns fatores para a escassez da mão de obra na agroindústria, em 2012. Além do mercado aquecido que permitiu com que os trabalhadores buscassem outras atividades profissionais, a coordenadora de gestão de pessoas explica que os programas sociais do governo eram um concorrente.

- Alguns preferiam receber ‘os bolsa’ alguma coisa ao invés de trabalhar - diz, referindo-se ao Bolsa-Família, programa social do governo em que cada integrante de uma família pode receber o benefício máximo de R\$ 77 por mês.

Outra razão era o seguro desemprego.

- Os candidatos optavam por trabalhar na informalidade, porém recebendo o benefício.

Para Ana Risson, psicóloga e mestrandia em Ciências da saúde, a contratação de haitianos pelas empresas da agroindústria não é uma solução para a rotativa de funcionários:

- Assim como o brasileiro, quando o haitiano encontrar um emprego melhor vai embora. Porque o trabalho na agroindústria é insalubre. As empresas vão prejudicar a saúde de uma pessoa que vai ter que voltar para o país dela e trabalhar.

“O trabalho na agroindústria é insalubre. As empresas vão prejudicar a saúde de uma pessoa que vai ter que voltar para o seu país e trabalhar”



ANDRONY FONT

TRAVESSIA

# PORTAS FECHADAS

Em abril, **Chrislyn Bastien Joseph** foi até um balcão de emprego da prefeitura com um amigo haitiano, em Chapecó. Fixados nas paredes, encontrou anúncios de vagas para serviços gerais, carpintaria e limpeza.

O estudante começou a preencher a ficha de cadastro quando uma mulher questionou:

- Vocês são haitianos? Não temos vagas para vocês.
- E essas vagas? Estou no Brasil, pagando aluguel. O que vou fazer? Dá para pagar as minhas contas se não estou trabalhando?

Sem obter respostas, o rapaz relatou o ocorrido no Centro de Referência em Direitos Humanos Marcelino Chiarello, da UFFS. Em resposta, o balcão de emprego afirmou não atender com discriminação e preconceito. Foi a última vez que Chrislyn procurou trabalho na cidade.

Levantamento da ONU aponta que 44% da população do Haiti vive com menos de 1,25 dólares por dia. O desemprego atinge 30% da população. Chrislyn sabe disso, e quer ajudar o seu país, após concluir a segunda graduação. Com os conhecimentos em engenharia de produção e administração está criando um plano de negócios. Pretende abrir uma microempresa de chinelos de borracha, em Porto Príncipe:

- Com a minha fábrica, vou diminuir a quantidade de imigrantes no Brasil e mais haitianos irão trabalhar.

Chrislyn mora com o irmão Jean Malko Joseph e o amigo Pierre Lesly Prunier, no bairro Santo Antônio. Pierre é mais velho que os outros, tem 34 anos e o único da casa que é empregado. O haitiano fala mais do que escuta. A barba curta cobre o queixo e a bochecha e o olhar é apreensivo e aflito.

Em uma noite de agosto, preparava a janta quando foi surpreendido por um homem que escancarou a porta e

anunciou um assalto:

- Se você falar para alguém eu te mato - repetia o desconhecido com uma faca na mão.

Enquanto o criminoso tentava acertá-lo com a arma, Pierre contorcia seu corpo com agilidade. O suor pingava sob a testa e a respiração era curta e rápida. Estava sozinho em casa.

Após colocar o computador, roupas e dinheiro em uma bolsa, o ladrão desferiu golpes na cabeça de Pierre com um capacete e gritou:

- Vocês vêm para Chapecó e roubam os nossos empregos!

Ainda que muitas empresas contratem imigrantes, algumas estão fechando as portas para os haitianos, afirma a diretora de Trabalho, Emprego e Renda de Santa Catarina, Ivone Perassa. Ela explica que algumas empresas criam uma expectativa de que os haitianos irão resolver todos os problemas. E, de repente, reclamam que não era aquilo que esperavam. “Porque eles esperam um escravo e não um jovem trabalhador”. A psicóloga Ana Risson relata que ao contratar um haitiano, muitos empresários acreditam estar fazendo um favor. “É como se fizessem caridade, bem no sentido cristão, mas não estão. Os haitianos estão pagando caro.”

*Ao contratar um haitiano, alguns empresários acreditam estar fazendo um favor*

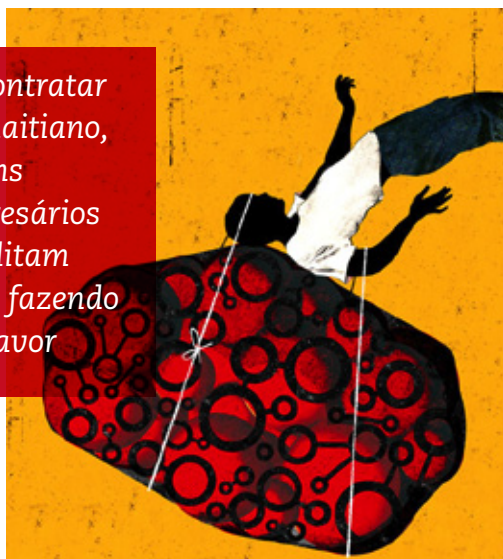


ILUSTRAÇÃO: Brian Stauffer



JEAN ROSIER DORALUS E A SUA ESPOSA ESTHER SAINLOI

# “O HAITI É MELHOR QUE AQUI”

Jean Rosier Doralus passou algumas noites acordado, deitado na cama com a esposa ao lado, em sua casa, na República Dominicana. Conjecturava planos, pensava em alternativas e como iria comprar comida para a mulher e os três filhos. Estava desempregado. Foi demitido da fábrica de cadeiras, em São Domingos. Há 10 anos morava no país vizinho. Voltar para o Haiti não era uma opção. O rapaz alto e magro de 32 anos decidiu seguir o percurso de muitos outros haitianos e desbravar o maior país da América Latina, em 2013.

As águas do rio Itajaí-Açu arrastavam-se tranquilamente até onde a visão de Jean poderia alcançar. Da janela do ônibus, ele se prendia a cada detalhe. A ponte de ferro, com as barras circunflexas apontadas para o céu; as casinhas com os telhados em formato de chapéu, como se fossem parte de um cenário de um filme. Viu as pessoas brancas, muitas com olhos claros e cabelos loiros, como se propagandeia as empresas de turismo alemãs. Não encontrou nenhum negro enquanto o ônibus contornava as ruas de Blumenau. Gente da sua cor é minoria. O Censo Demográfico de 2010, do IBGE, diz que 1,64% dos habitantes se autodeclararam negros na cidade.

De tudo o que observou, o que mais o marcou foi a fábrica de bicicletas infantis Nathor, responsável pela viagem dos 60 haitianos, do Acre até Blumenau, em abril de 2013. A chegada dos imigrantes tem mudado a paisagem da cidade. A Secretaria Municipal de Assistência Social estima que cerca de 500 haitianos moram na cidade. Sendo que seis crianças estão matriculadas nas escolas do município. A grande maioria se concentra na região norte, nos bairros de Badenfurt, Itoupavazinha, Itoupava Central e Itoupava Norte.

Jean foi contratado para trabalhar na montagem de bicicletas, das 5h até as 15h. O salário de R\$ 1.100 mensais

não era suficiente para enviar remessas para a família que ficou em São Domingos. Começou um segundo emprego na Giplás, empresa de produtos de plástico, das 16h às 21h. No começo de 2015, pediu as contas e começou uma nova carreira, como auxiliar de pintor. Há dois anos e meio no Brasil, se diz desiludido com o salário:

- Pensei que era melhor, que iria conseguir ajudar a família, mas não dá.

Dos 25 mil trabalhadores da indústria têxtil em Blumenau, Gaspar e Indaial, cerca de 400 são haitianos, afirma Vivian Kreutzfeld Bertoldi, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação de Tecelagem de Blumenau, Sintrafite:

- Antes de vir, eles acham que em Santa Catarina vão ganhar muito dinheiro e dar uma vida boa para a família. Chegam e percebem que não é assim. Os trabalhos que os brasileiros não querem são ocupados por imigrantes.

“Eu faço um serviço, mas não considero como trabalho, porque paga muito pouco”, reclama Manouchka Jean Jaques. Entre as 5h até as 13h45, a haitiana de 27 anos é operadora de produção na indústria têxtil Cremer. Com os descontos na carteira assinada, recebe entre R\$ 800 e R\$ 750.

- Depois de 15 dias não tenho dinheiro para nada. O salário é suficiente para sobreviver: pagar aluguel e comprar comida. E os haitianos que querem fazer um curso ou faculdade? É muito difícil pagar - revela desiludida.

Há um ano e meio no Brasil, mora com as três irmãs, mas não vê a hora de voltar para o seu país, mesmo que sozinha.

- Muitos haitianos procuram serviço, ganham um pouco e voltam para lá. O Haiti é melhor que aqui.

*“Pensei que o Brasil era melhor, que iria conseguir ajudar a família, mas não dá”*

# O DIFERENTE

“Sempre ouvi que no Brasil não tem racismo. Tem pessoas de todos os tipos. Mas tem preconceito”

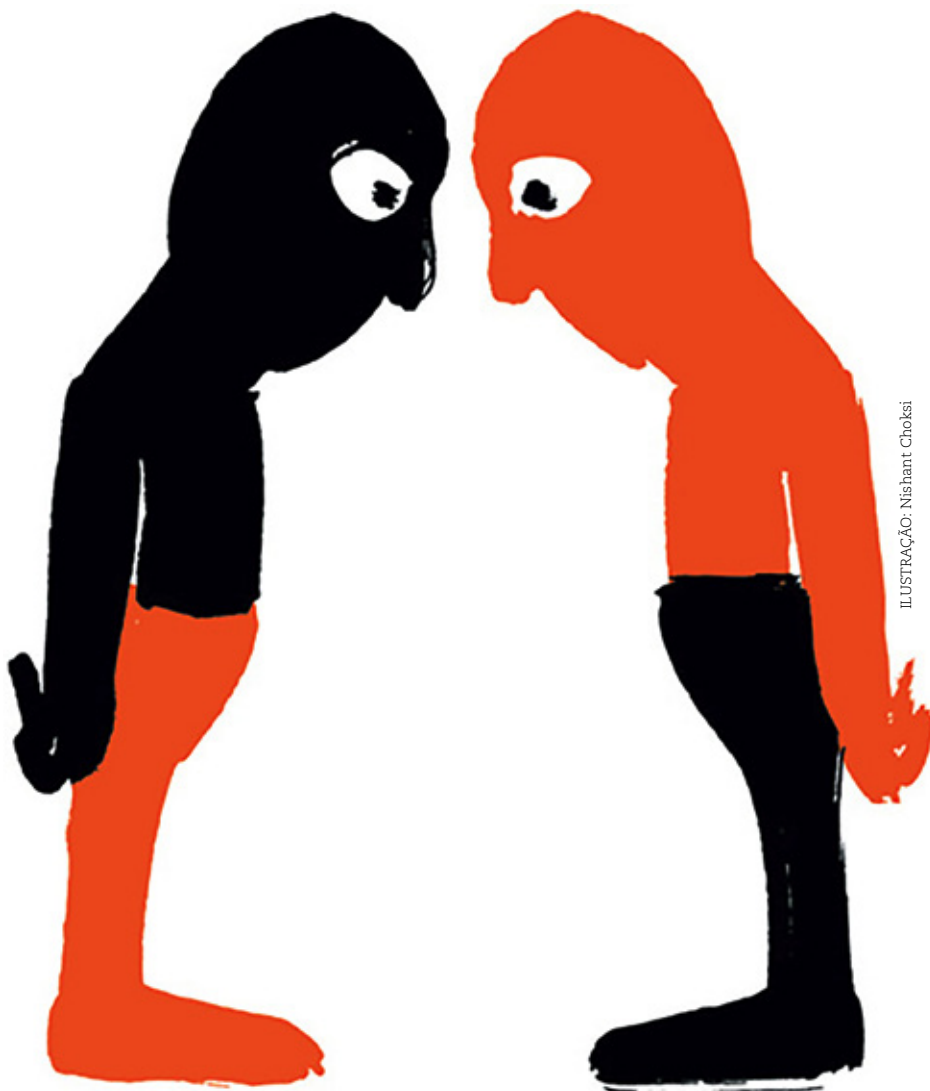


ILUSTRAÇÃO: Nishant Choksi

Nelson Louis é o único haitiano que trabalha na indústria têxtil EuroFios, em Blumenau. Certo dia, o imigrante esperava a sua vez para retirar chumaços de tecido no uniforme. Limpou a roupa com a mangueira de ar comprimido e entregou-a para o próximo da fila, que disse:

- Você não precisa se limpar porque é preto. Pode se limpar vai continuar sendo sujo!  
Se limitou a encarar o brasileiro após escu-

tar a ofensa e sair da fila. Uma colega de trabalho acompanhou a cena e, com os olhos marejados, suplicou:

- Isso não pode ficar assim. Ele não pode te tratar desse jeito. Conta para alguém.

Ele não quis arrumar confusão, ficou calado e não comentou sobre o assunto. Mas descobriu uma faceta do Brasil que não imaginava encontrar:

# A FAMA

*Eles são conhecidos pela dedicação, pontualidade e envolvimento nos trabalhos*

- Sempre ouvi que aqui não tem racismo. Tem pessoas loiras, pretas, de todos os tipos. Mas tem preconceito.

O haitiano de 23 anos ganha R\$ 850 por mês, valor do curso de Cinema que gostaria de fazer. No começo do mês, se sustenta com um pouco mais da metade do salário. Envia R\$ 400 para o filho e a mãe, na Venezuela:

- Não posso pagar, mas quero muito trabalhar com produção ou fotografia.

Seu filme haitiano preferido se chama “La Rebelle”, do diretor Sacha Parisot. A história é sobre uma adolescente que se envolve com drogas após descobrir que o pai solteiro arranhou uma namorada. Entre os brasileiros, ele recomenda “Última Parada 174”, de Bruno Barreto. Ficção baseada na história de Sandro Barbosa do Nascimento, sequestrador do ônibus 174, no Rio de Janeiro. Seu plano é estudar no Brasil e retornar ao Haiti.

Em uma mesa de madeira, **Junior Bofitchan** estica e posiciona o plástico, o TNT ou o algodão para outro funcionário realizar um corte preciso com a máquina. O haitiano é auxiliar de talhação, na empresa Ecco Bolsas, especializada em quites com bolsa e camiseta. Em janeiro entrou no Brasil pela fronteira do Acre e foi até Blumenau à procura de um irmão que contou sobre as oportunidades do Sul. Sem falar português, ele se comunica por meio de mímicas, inglês e o Google tradutor.

Quando uma vaga surgiu na empresa de nove funcionários, o gerente administrativo David Matheus Sena pensou logo em Junior. Eles se conheceram na Primeira Igreja Batista Pioneira, no bairro Escola Agrícola.

- Dá para ver o interesse dele em crescer e se desenvolver. O Junior está bem e se adaptou fácil.

Com um salário mensal de R\$ 1.000 e uma bolsa para aprender português na escola Pontinho Estudantil, o haitiano se diz satisfeito com o trabalho.

Além da amizade, a fama dos haitianos em Blumenau influenciou a contratação de Junior. David destaca que eles são conhecidos pela dedicação, pontualidade e envolvimento nos trabalhos:

- A gente pode contar com eles para chegar mais cedo e sair mais tarde quando precisa.



ILUSTRAÇÃO: Nate Kitch

## PROFISSÃO:

# EMPRESÁRIO

Em frente a casa branca envidraçada, há uma faixa com a bandeira do Haiti, acompanhada da frase: “Pontinho Estudantil acolhe haitianos”. Um casal abre a porta, seguido de três amigos que conversam em crioulo, gesticulam os braços e começam a rir ao mesmo tempo. Eles caminham ao lado de paredes cobertas por estantes com livros antigos e enciclopédias. Chegam aos fundos da biblioteca e apertam um botão em frente a uma porta fechada. Aguardam cinco minutos para serem recebidos por **Jeanpaulo Poloville Desrosiers**, com um pote de doces.

- Balas? - oferece aos clientes.

O empresário de 27 anos é dono da *lan-house* JD Multiservices, em funcionamento desde junho de 2014 em Blumenau.

O empreendimento foi planejado para atender exclusivamente haitianos. Jeanpaulo realiza serviços bancários. Envia remessas para o Haiti e aluga o telefone para os conterrâneos conversarem com os parentes. As ligações para o exterior custam R\$ 4, por cinco minutos. Uma hora no computador, R\$ 2. Também vende crédito para o celular.

A casa onde trabalha pertence à escola Pontinho Estudantil. Cláudia Matteussi, diretora da instituição afirma que não é cobrado aluguel, água, luz ou uma porcentagem do lucro.

- A gente sabe que a *lan-house* é importante para os imigrantes. Tudo bem, ele cobra, mas envia dinheiro para as famílias do Haiti.



*Jeanpaulo chegou ao Acre em maio de 2013 e teve a sorte, como define, de ser um dos contratados para trabalhar na empresa Nathor*



# Pontinho Estudantil Acolhe Haitianos

FOTO: Paloma Gomide



JEANPAULO POLOVILLE DESROSIERS

Jeanpaulo chegou ao Acre em maio de 2013 e teve a sorte, como define, de ser um dos contratados para trabalhar na Nathor. Para os novos funcionários, a empresa forneceu uma casa por seis meses e comida para o primeiro mês. Trabalhava no setor de abastecimento. Buscava os componentes necessários para montar uma bicicleta, como o quadro e o guidão, por exemplo.

Após três meses na cidade, o empresário decidiu morar sozinho em um quarto de hotel. O haitiano trabalhou por dois anos e um mês na empresa. Pediu demissão em julho deste ano para se concentrar no negócio próprio.

- Se eu tenho uma vida feliz agora é graças a Nathor. Quando a gente chegou não falava português. Eles tinham paciência para ensinar – revela.

Quando criança, Jeanpaulo andava em meio as prateleiras altas do mercado da família. Via seu pai, Jerome

Desrosiers, cumprimentar a vizinhança que entrava na loja e vender alimentos.

Gostava tanto do mundo dos negócios que resolveu abrir uma mercearia própria em 2004, aos 16 anos.

- Primeiro estuda e depois trabalha – ordenou seu pai, que o fez fechar o estabelecimento.

Em 2007, terminou o ensino-médio e finalmente abriu o seu mercado. Para aprimorar o comércio, estudou Administração, em Porto Príncipe.

Sua família é numerosa e está espalhada em diferentes países. A mãe e três irmãs moram no Haiti. Na França, tem cinco irmãos. Há outro que mora nos Estados Unidos e uma no Caribe.

Embora goste do Brasil, pretende voltar um dia para o seu país e morar com a mãe que não quer sair do Haiti de jeito nenhum.

{ TRABALHO }



ILUSTRAÇÃO: Emory Douglas

# LUIZ,

## O PRESIDENTE DOS HAITIANOS

*“A vida é mais difícil para os estrangeiros do que para nós. Porque os brasileiros têm uma casa e eles não têm nada”*

Germain Jelisme, Wilby e Jesse Blanc sobem a rua Fraiburgo em direção à casa de dois pavimentos e tijolo à vista. Enquanto Wilby abre a geladeira e recolhe a margarina, queijo e presunto para preparar um sanduíche, Jesse e Germain vão até a sala e se sentam no sofá.

- Pai, vem assistir o jogo com a gente - grita Jesse.

**Luiz Montagne** sai do seu quarto e senta-se com os dois. Wilby, Jesse e Germain são ‘filhos’ do brasileiro de 69 anos. Com a fala pausada e gestos lentos, o homem de cabelos pretos ralos e óculos de aro grosso tem uma família numerosa. É considerado o ‘pai’ de mais de 40 haitianos – a maioria mora em Blumenau, mas alguns são de outras cidades do Brasil e até vivem em diferentes países, como um no Ceará e outro na Guiana Francesa.

Luiz esperava um dia rotineiro onde trabalha há 20 anos, a indústria têxtil Cremer. Mas foi surpreendido com a apresentação de três funcionários recém-contratados, em abril de 2014.

- Eles são estrangeiros e vão trabalhar com vocês - informou o supervisor.

Luiz ficou encarregado de ensinar o haitiano Marcelo Dort. “Agora você aperta neste botão, assim oh”; “muita calma nessa parte”; “não esquece de conferir isso”. Mesmo explicando a mesma tarefa três, quatro vezes, o imigrante não aprendia.

Certo dia, o novo funcionário pediu um papel e uma caneta. Luiz esperava uma carta de demissão, mas o que viu foi desenhos das máquinas da sala, setas e pontos de interrogação. Através de símbolos, o recém-contratado aprendeu a manejar as máquinas – dominou tão bem a sua função que logo começou a mexer em aparelhos que Luiz não conhece.

Nos finais de semana, a esposa de Luiz, Teresa Montagne prepara um almoço caprichado para o marido, o filho e mais os cinco vizinhos haitianos. Já chegaram a sentar 15 imigrantes ao redor da mesa para provar o famoso arroz e feijão. No final da refeição é hora de preparar as marmitas. Todos levam comida em um pote de sorvete.

Em média, os imigrantes que trabalham na Cremer recebem o mesmo que Luiz, um salário

*Luiz Montagne é considerado o ‘pai’ de mais de 40 haitianos – a maioria mora em Blumenau, mas alguns são de outras cidades do Brasil e até vivem em diferentes países.*

de R\$ 1.200. Trabalham oito horas e meia, de segunda a sexta, e mais dois sábados por mês.

- A vida é mais difícil para os estrangeiros do que para nós. Porque os brasileiros têm uma casa e eles não têm nada - afirma o 'pai dos haitianos'.

Ele conta que não é o único funcionário da Cremer que ajuda os imigrantes. Em um almoço organizado pela funcionária Isabel Cristina Beker, cada trabalhador entregou um presente e apadrinhou um haitiano, sorteado na hora. A brasileira Maria Regina Schramm brincou com Jesse Blanc:

- Quero adotar esse menino!

O rapaz de 22 anos se levantou e abraçou Luiz, em meio a gargalhadas:

- Eu não quero, já tenho pai.

Jesse parece um garoto de 15 anos. Alto, magro e sem pelos no rosto e com as pernas magrelas, como duas varetas à espera da puberdade. Em janeiro deste ano, machucou o joelho em uma partida de futebol. Fez uma cirurgia e recebeu os cuidados de Luiz e Teresa, que o hospedaram em sua casa por quatro meses até a completa recuperação.

Desde novembro de 2014 trabalha na Cremer, mas o que realmente quer é estudar. No Haiti cursou Engenharia Civil por dois anos na universidade GOC (Groupe Olivier Colaborateur), até o terremoto destruir a loja de roupas da família.

Com um estrépito ensurdecedor, as telhas desprenderam-se e caíram em cima dos tecidos, vestidos e calças. Tudo virou pó esmagado em um monte de entulhos.

Com os olhos no chão e a voz embargada, sua mãe, Acefie Fleurantin, disse:

- Jesse, nós não vamos conseguir pagar mais a faculdade.

Seu pai, Wilfrid Blanc, sugeriu:

- Quem sabe você não estuda no Brasil?

Jesse é músico e era professor de saxofone soprano, na igreja evangélica Corps de Christ. Despediu-se dos alunos de 15 anos, deu um último abraço nos pais e viajou ao encontro do irmão, Wilby.

Há um ano no país ainda não realizou o seu sonho.

- Quero estudar Engenharia Civil, mas a mensalidade é mais cara do que o meu salário.

No dia do terremoto, Wilby estava na cozinha pensando no que comer quando escutou um rugido reverberar nas paredes e no teto de casa. Foi tomado de pavor.

Tinha acabado de sair do banho, pela manhã assistiu a aula no Instituto Louis Pasteur, em Porto Príncipe. "Hoje não pode ser mais um dia igual a todos os outros?" Não teve tempo para pensar em uma resposta. Foi engolido pelos tijolos que se soltavam um a um como se estivessem dançando em um ritmo próprio.

Na tarde de 12 de janeiro ficou debaixo dos escombros com os irmãos: Zacari Dorcin de 24 anos, Sherlin Dorcin de 11 e Shelda Dorcin de 10. Por cinco minutos, escavou o concreto, até chegar à superfície. Logo encontrou Shelda, única prima que sobreviveu.

Vive em Blumenau desde abril de 2014. Trabalha como operário na Cremer e envia todos os meses R\$ 400 para os pais.

- A minha família está no Haiti. Mas aqui, eles são a nossa família - revela apontando para Luiz e Teresa.

Os irmãos Wilby e Jessy moram com Germain Jelisme, em uma casa próxima do 'pai'. Como parte do procedimento para ser contratado na empresa Cremer, Germain foi ao médico realizar exames.

Sentiu o estoscópio gelado tocar o seu peito. O médico escutava atento as batidas do paciente:

- Você não pode fazer esforços. Tem alguma coisa errada com o seu coração - sentenciou o doutor.

Assim que chegou na casa de Luiz, contou sobre a consulta.

- Não te preocupa. Não é nada. A gente vai em outro médico - acalmou o brasileiro.

Jelisme fez novos exames e descobriu que não tinha problema de saúde, como seu protetor havia dito. Desde janeiro, trabalha na indústria têxtil com Luiz.

- Não tenho palavras para explicar como ele é importante para nós. O presidente dos haitianos! - homenagem Germain de olho no 'pai' orgulhoso.

{ TRABALHO }



PRÉ-REQUISITO:

# SER BRANCO

Sentado no sofá da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, o padre haitiano **Saint-Luc Fenélus** olha para frente enquanto fala quase sem piscar: “Deus fez a Terra para todos. A divisão territorial é dos humanos e não de Deus. Todos têm o direito de viver de uma maneira digna e precisam trabalhar”. Uma de suas principais tarefas como sacerdote é ajudar os imigrantes estrangeiros em Joinville.

Mas o que tem percebido é um aumento de desemprego na cidade, principalmente entre os haitianos. Com os olhos arregalados de pavor, diz que menos de 10% dos imigrantes estão trabalhando.

Quando os haitianos procuram a assistência social é principalmente para encontrar emprego, afirma Márcio Sell, gerente de unidade de proteção básica da assistência social de Joinville.

Padre Saint-Luc relata que algumas empresas da região não contratam negros, como é o caso de uma marmoraria, em Joinville, que foi processada pelo Ministério Público do Trabalho.

Em setembro de 2014, uma funcionária tele-

fonou ao SINE para divulgar uma vaga de ser-rador de mármore e solicitou que não encami-nhasse negros.

A proprietária explicou em audiência que, na verdade, eles não contratavam haitianos por não entenderem português. O procurador do trabalho, pediu então, para que a empresa autorizasse a quebra do sigilo telefônico, especificamente a conversa entre a marmoraria e o SINE. A empresa não aceitou, argumentando que “todo acusado não deve produzir provas contra si mesmo”.

O procurador do trabalho requereu R\$ 50 mil reais por dano moral coletivo, a ser enviado para uma entidade com promoção de igualdade social e racial. O processo ainda não foi concluído. A próxima audiência está marcada para fevereiro de 2016.

- O brasileiro desempregado pelo menos está na sua casa, na sua terra. Mas imagina um estrangeiro que precisa pagar aluguel, não tem família. O que vai fazer? - questiona o sacerdote.



*Algumas  
empresas da  
região não  
contratam negros,  
como é o caso de  
uma marmoraria,  
em Joinville*

[ TRABALHO ]

FOTOS: Sergio Vignas

# PROCURA-SE EMPREGO

LOUIS CANTAVE



Chovia muito na tarde em que **Louis Cantave** foi até a Pastoral do Imigrante, em Florianópolis procurar algum emprego – estava disposto a trabalhar sem carteira assinada, desde que recebesse dinheiro. Desde dezembro de 2014 até o mês da entrevista, em junho deste ano, o haitiano estava desempregado.

- Na República Dominicana todo mundo fala das oportunidades do Brasil. Mas é difícil encontrar um serviço. Se você não fala português não é fácil - explicou o imigrante com um sotaque carregado em espanhol, misturando palavras das duas línguas latinas.

Uma das primeiras tarefas do dia de Tamajara Silva, antropóloga e única funcionária da Pastoral do Imigrante é selecionar ofertas de emprego pela internet e ligar para as empresas. O principal motivo dos atendimentos é para encontrar trabalho.

- Todos os dias cadastramos mais três desempregados. É muita coisa e isso é bastante preocupante. Os relatos que temos de outras regiões são parecidos.

Louis Cantave plantava tomates na República Dominicana desde 2002. No Brasil, trabalhou em cinco funções diferentes em dois anos. O haitiano entrou no Brasil pelo Equador e logo se instalou em Brasileira, no Acre. Fez o cadastro, carteira de trabalho e CPF e esperou até uma empresa contratá-lo. Ele e mais 42 haitianos foram selecionados para trabalhar no Rio Grande do Sul. Não gosta de falar

sobre aquele serviço. Só resume que foi enganado.

- Eles falaram que iam pagar aluguel por seis meses, mas não pagaram nada. Falavam uma coisa e faziam outra.

No fim do primeiro mês, conta que restaram apenas 12 haitianos na empresa. Louis se demitiu após 60 dias e se mudou para Itajaí.

O imigrante não tem lembranças do pai, que morreu quando ele ainda era bebê, aos dois meses de idade. Lembra bem da vida que teve e das privações que passou em troca de um prato de comida.

- Aos 12 anos você vai para a escola, Louis. Aos 12 anos - repetia sua mãe como uma promessa.

Quando criança nunca aprendeu a ler ou escrever. Mas sabia que aos 12 anos iria estudar, como o irmão mais velho. Quando a idade esperada chegou, sua mãe morreu. Foi morar com uma tia e aos 18 anos se mudou para a República Dominicana trabalhar como agricultor.

Em Itajaí, arranjou um serviço em uma peixaria, sem carteira assinada. “A companhia não era responsável”, descreve Louis. Após três meses levando caixas de peixe com gelo para os caminhões, ele assinou um contrato temporário como empreiteiro. Trabalhou também como eletricitista, mecânico e auxiliar de limpeza. Hoje caminha pelo centro de Florianópolis de segunda a sexta em busca de trabalho, enquanto se sustenta com o seguro desemprego.

*“Na República Dominicana todo mundo fala das oportunidades do Brasil. Mas é difícil encontrar um serviço. Se você não fala português não é fácil”*

# TECNOLOGIA

*“São pessoas com atuação profissional no Haiti e que procuram trabalhar no seu ofício no Brasil. Porque de fato é ali que eles mostram o seu potencial”*

Sentado em uma mesa de frente para o computador, **Barnabás Jonathas** escrevia alguns códigos em HTML. Trabalhou por um mês como técnico de informática em um hotel no centro de Florianópolis, até o prédio ser vendido em abril de 2014. Foi o seu primeiro emprego no Brasil.

“Quem sabe agora consigo trabalhar na minha área?”, pensou o haitiano que estudou Engenharia de Informática por quatro anos, na Universidade Tecnológica de Santiago. Em junho, o rapaz alto, robusto de cabeça raspada fez dois testes na empresa AltoQI Tecnologia Aplicada a Engenharia. Passou na prova de raciocínio lógico e reprovou na de programação.

Enquanto procurava um emprego, as contas se empilhavam na caixinha de correios, e o dinheiro estava quase no fim. Decidiu trabalhar na limpeza, da Canasvieiras Transportes e se matricular no curso de desenvolvimento de jogos digitais, no SENAI.

Estudou programação com afinco. Sabia que iria trabalhar com Tecnologia de Informação. Era mais do que um sonho. Uma vocação. Em novembro, a empresa de tecnologia o chamou novamente para refazer os testes. Dessa vez, Barnabás passou nas duas provas e foi trabalhar no Parque Tecnológico Tecnópolis.

Ivone Perassa, diretora de Trabalho, Emprego e Renda de Santa Catarina, afirma que os haitianos investem em um trabalho na sua área profissional:

- São pessoas com atuação profissional no Haiti e que procuram trabalhar com a sua profissão no Brasil. Porque de fato é ali que eles mostram o seu potencial
- elogia os imigrantes que conseguiram um emprego em sua área através do SINE.
- Os haitianos são meticolosos, empenhados, pois eles têm interesse em enviar dinheiro para a família no Haiti.

Ao contrário da maioria dos conterrâneos, o programador não tem o costume de remeter montantes para o pai e os irmãos. Não que seja mesquinho, e sim porque todos trabalham e estudam. O pai de Barnabás é dono de uma padaria, no Cabo Haitiano, cidade próxima ao mar do Caribe. Seu irmão mais velho de 40 anos é doutorando em Educação, na França. Sua irmã de 22 anos também é formada em Educação.

Seu plano é fazer o curso de Tecnologia de Desenvolvimento e Análise de Sistema, na faculdade Estácio de Sá. Em seguida começar uma pós-graduação.

- Quero ser um grande programador. Consagrar meu tempo na informática e chegar o mais longe possível.

Barnabás estudou em uma escola privada bilíngue em inglês e francês, a *Ecole Louverture Cleary School*. Fluente nas línguas que aprendeu no colégio, conseguiu um emprego em um *call center* americano, na República Dominicana. Após dois anos vivendo no país vizinho do Haiti, decidiu se mudar para o Brasil.

- A minha situação estava melhor lá. Eu estudava e trabalhava. Mas tinha muito preconceito e as leis do país não se aplicam aos haitianos. Nós não éramos bem-vindos. Aqui eu tenho paz, sabe?

Ele viajou até Guayaquil, a maior cidade do Equador, para conseguir o visto brasileiro, que lhe custou US\$ 200. Esperou 14 dias em um hotel de US\$ 12 a diária, até obter o documento. Gastou mais mil dólares para viajar da República Dominicana até o Equador e US\$ 360 com a passagem de avião para São Paulo. Estava praticamente sem dinheiro quando chegou ao Brasil, mas afirma que atravessar a fronteira de ônibus seria pior.

Para ele há dois tipos de pessoas que vêm para ao Brasil: aquelas com menos escolaridade, que chegam ao país,





mas não têm ideia quais rotas irão passar, geralmente são as vítimas dos coites; e aquelas que sabem que terão que pagar muito dinheiro para conseguir um visto. Viajam até o Peru e depois até o Equador, e esperam até cinco meses para obter o documento. “Mas decidem vir mesmo assim, porque não tem jeito. O terremoto destruiu tudo.”

Jodson Alexis, sobrinho de Barnabás, estava com ele quando ocorreu o abalo sísmico. O menino de dois anos só queria correr pela casa e explorar a nova habilidade que aprendera há pouco tempo: ficar em pé. Quando o solo começou a sacudir, o tio rapidamente abraçou a criança. O tremor em Sarte, bairro em Porto Príncipe, não teve o mesmo impacto que as outras regiões da cidade.

- Vai passar, vai passar – dizia para o pequeno Jodson.

Barnabás espiava pela porta entreaberta a rua silenciosa. Escutava só o rugido da terra. Viu blocos de cimentos caírem no topo de um prédio em construção, esmigalhando-se no chão.

Saiu correndo em busca de outro sobrinho que estava na escola no momento do desastre. Durante o caminho, encontrou, casas destruídas e uma poeira que invadia o nariz, os olhos, a boca e se prendia na pele. Andou oito quilômetros até chegar no colégio em que havia estudado. O filho da sua irmã estava bem.

Assim que chegou a São Paulo, comprou uma passagem de ônibus para Florianópolis, onde um amigo haitiano mora. Barnabás acompanhou pela janela do automóvel as paisagens do Sudeste ao Sul do Brasil. “Não sabia que o país era tão dividido”, revelou ao descobrir

certas peculiaridades das regiões:

- As imagens que chegam até o Haiti são de São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro. Lugares mais mistos. Com uma cultura diferente. Com o samba mais forte. No Sul a gente não vê o samba nas pessoas. A gente vê mais no Rio de Janeiro. O futebol brasileiro, o jeito deles jogarem o jogo bonito é influenciado pelo samba. O jogo com os pés assim, os jogadores fazem isso no campo. Eles fazem isso quando estão jogando com a bola nos pés e depois fazem o gol. Eles têm um jeito bem diferente de festejar um gol. Aqui no Sul parece mais a Europa do que o Brasil que todo mundo vê do lado de fora.

O que une países distantes como o Brasil e o Haiti? Barnabás acredita que é o futebol. A seleção preferida no Haiti é a brasileira. A cada gol do Brasil na Copa do Mundo em 2014, os haitianos vibravam e dançavam, conta o programador.

- Como a seleção do meu país gosta de jogar, mas não tem recursos, a melhor coisa é escolher uma seleção que dá resultados. Para mim o melhor jogador é o Ronaldo Fenômeno, o melhor de todos os tempos.

A paixão pelo time brasileiro ganhou uma proporção muito maior em agosto de 2004, quando os jogadores brasileiros foram até o país caribenho, para o “jogo da paz”. Nos 200 anos de independência do Haiti, o Conselho de Segurança das Nações Unidas enviou uma operação de manutenção de paz. O Brasil assumiu a liderança da Missão das Nações Unidas de Estabilização do Haiti (MINUSTAH), em junho do mesmo ano.

{ FAMÍLIA }

# A FAMÍLIA

O terreno número 430 da rua Porto Rico, em Joinville fica em uma morro íngreme de asfalto. Na casa verde de madeira vivem oito haitianos; seis homens e duas mulheres. No puxadinho dos fundos mora um casal com seu bebê; **Jeff Edouard**, de 28 anos, **Nerlie Michaud**, de 27 e a filha que nasceu em abril deste ano, **Maria Mônica**.

O chão de barro se mistura com tufo de grama e pedaços de madeiras estão espalhados no entorno. Agachado em frente a sua casa, Jeff encarava o espelho enquanto fazia a barba, raspava o cabelo e escovava os dentes naquela manhã de domingo. Dentro do puxadinho, sentada na cama, Nerlie ninava a pequena Maria Mônica.

Em 2012, a haitiana viajou para o Brasil. Pagou uma taxa de 1.300 dólares na embaixada brasileira para conseguir o visto e embarcou de avião rumo à São Paulo. Nos três primeiros meses, trabalhou como faxineira. Ganhava R\$ 70 por serviço. Achou a cidade muito grande e violenta. Resolveu se mudar para o município de Pato Branco, no Paraná.

- É muito bonitinho, mas não tem trabalho.

Assim que Nerlie decidiu morar em Joinville, Jeff trancou o curso de Ciências Econômicas

da Universidade do Estado do Haiti, abandonou o trabalho como professor de matemática e veio ao encontro da namorada. Está no Brasil desde 2014.

No Haiti, Jeff morava com a família; os pais, uma irmã e três irmãos. Era professor de matemática das 7h às 12h e aluno do primeiro ano do curso de Ciências Econômicas à tarde. Com as aulas de reforço, ganhava 5 dólares por mês.

No Brasil, Jeff também mora com a família: a mulher e a filha. Em fevereiro, começou um curso técnico em Eletromecânica, no Centro de Educação Profissional Dario Geraldo (CEDUP).

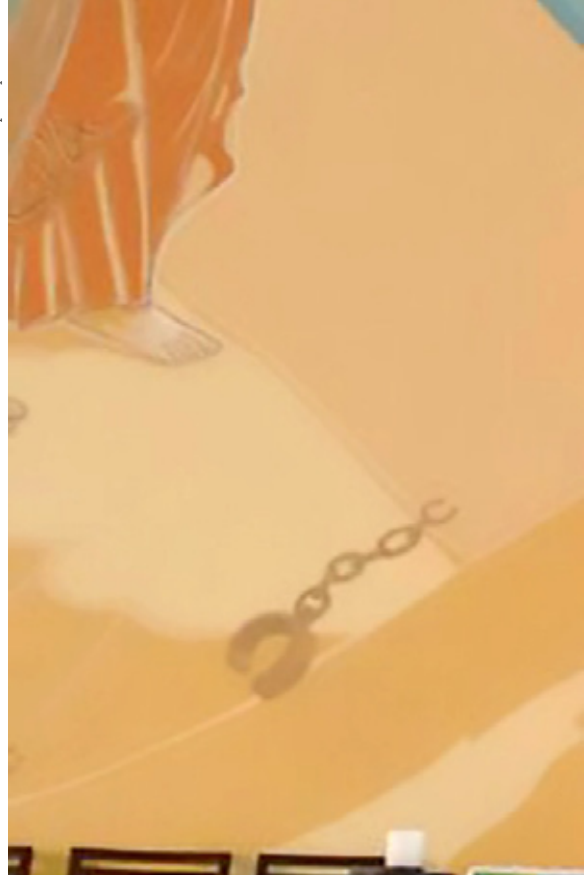
- Sempre estudei muito. Minha vocação é ser engenheiro eletromecânico.

Trabalha com transporte de carga na empresa Ciser Parafusos e Porcas, de segunda a sexta-feira das 16h45 até as 2h, e ganha R\$ 1.050 por mês.

A família se espreme em um cômodo com uma cama de casal, máquina de lavar, mesa, fogão e pia. Jeff compara o Brasil com uma prisão:

- Eles te dão comida, lugar para dormir e trabalhar durante o dia inteiro. Dormir e trabalhar, dormir e trabalhar, dormir e trabalhar.

FOTO: Arquivo pessoal



“Eles te dão comida, lugar para dormir e trabalhar durante o dia inteiro. Dormir e trabalhar, dormir e trabalhar, dormir e trabalhar”



CASAL DE HAITIANOS JEFF EDOUARD E NERLIE MICHAUD COM A FILHA BRASILEIRA MARIA MÔNICA

Em seu terceiro emprego em um ano, o imigrante já ouviu comentários como: “Ô haitiano, arruma isso como branco, não como preto”; “Quer falar comigo aprende português.”

Com as bochechas brilhantes recém barbeadas, diz que o sonho em recomeçar a vida no Brasil não existe mais:

- Queria comprar um terreno para a minha filha, mas agora vou para o meu país e fazer meu nome lá.

Para Lizandra Carpes, assessora de comunicação do Centro dos Direitos Humanos Maria da Graça Bráz, em Joinville, há um racismo velado na cidade:

- A gente dá um tapinha nas costas, sorri e manda o negro jovem para o subemprego – revela, lembrando que a maioria dos haitianos com quem conversou possui graduação. - Quem contrata não está preocupado com o nível de educação deles.

Em Porto Príncipe, Nerlie era poetisa. Em Joinville trabalha como auxiliar de cozinheira na rede de supermercados Hippo. Sua vontade é morar em um país de língua francesa.

- No Brasil só se fala português, mas eu adoro escrever e ler em francês – diz empolgada.

Os primeiros versos surgiram na escola.

- Eu não sei cantar, então eu faço poesia.

Logo após o terremoto em 2010, se juntou com mais quatro amigos e fundou o grupo *Leader Poétique*. As poe-

sias são declamadas em ritmo de *rap*. Suas letras em francês e crioulo falam sobre racismo, cultura negra, mulher e a pobreza.

- Vou seguir o meu sonho, ir para outro país, porque lá as pessoas vão me compreender.

De fala mansa, mas firme, Nerlie aumenta o tom da voz para falar sobre o racismo:

- Aqui dizem que todo mundo é igual. É mentira. No Brasil tem racismo, sim.

A haitiana trabalha oito horas diárias, de segunda a sábado, e ganha R\$ 800. Certa vez, quando levava os pratos e talheres para as mesas do restaurante, um homem começou a gritar em sua direção:

- Ô negra, ô negra! Vem cá, negra!

Respondeu ao chamado, engoliu o orgulho e foi chorar baixinho assim que chegou em casa.

- Minha esposa não estudou tanto quanto eu. É ingênua, sensível. Mas eu digo para ela: a gente tem que ser forte - argumenta Jeff olhando para Maria Mônica.



FOTO: Aline Takaschima

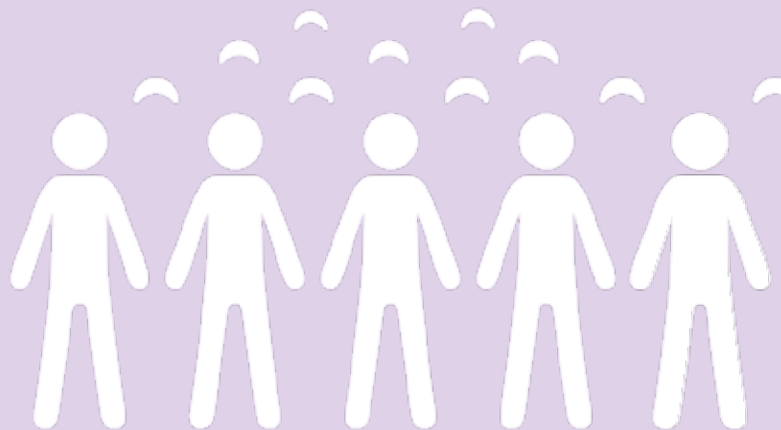
JEFF EDOUARD

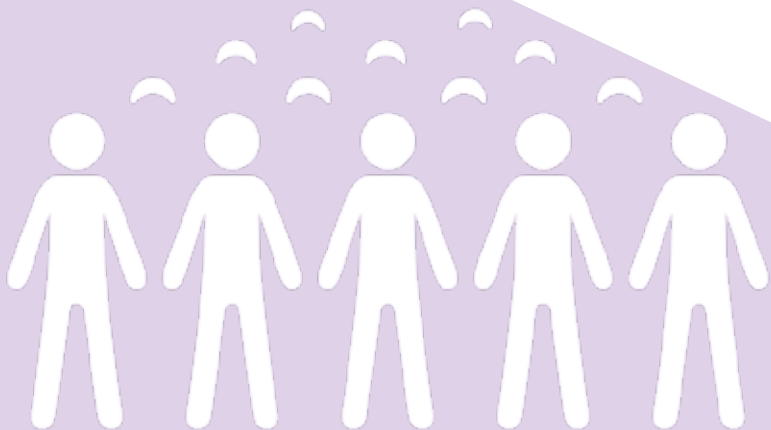
# CASA LOTADA

À medida que se aproxima da casa no bairro EFAPI, o cheiro de podre se intensifica. O carro do Centro de Referência em Direitos Humanos Marcelino Chiarello (CRDH - UFFS) estacionou em frente ao imóvel às 16h30, do dia 23 de dezembro de 2014. A noite de Natal do dia seguinte não iria ser comemorada naquela residência de dois andares, onde 45 haitianos homens e duas mulheres vivem. Jean Monfiston e Wilfrid Morency, presidente e vice-presidente da

associação dos haitianos, conversaram com os moradores no lado de fora da casa. Uma festa estava planejada na Sitracarnes para toda a comunidade haitiana em Chapecó. Na noite do feriado cristão, eles iriam ter folga nas agroindústrias e sair daquela casa abarrotada de gente.

Uma denúncia levou o CRDH - UFFS, Sitracarnes e associação dos haitianos de Chapecó a visitarem o local. A casa é subdividida em quatro partes, sendo que cada 15 pessoas dividem a mesma cozinha, uma área de serviço e dois banheiros. Nos quartos não há armários, apenas três beliches e uma janela que pouco ventila a habitação superlotado. As roupas e calçados ficam nas malas embaixo da cama, no chão ou em sacolas de plástico penduradas. O chão é entulhado de pertences e sujeira. O azedume impregna o ar e se mistura com o cheiro de esgoto, por conta da descarga dos banheiros que não funciona há dois meses.



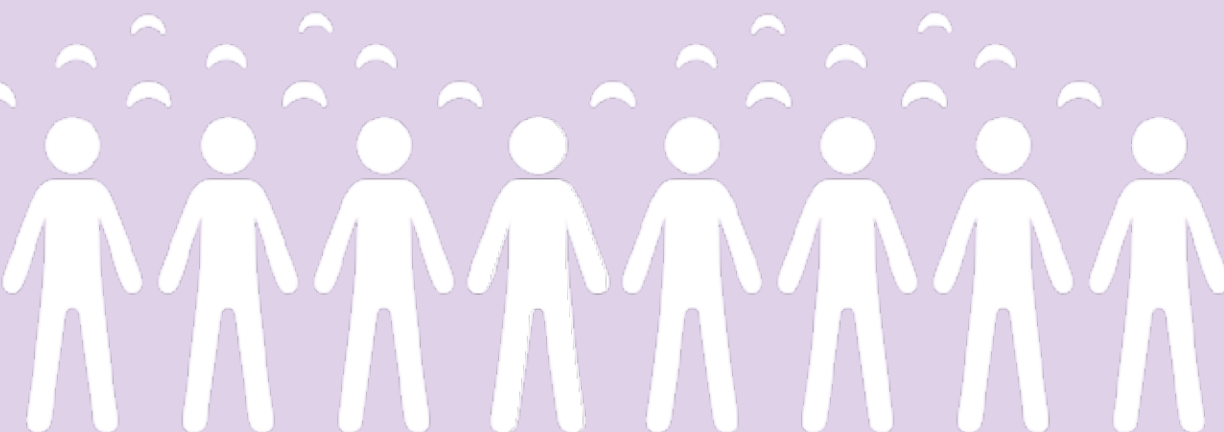
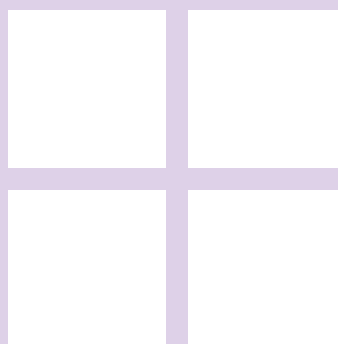


Ivone Perassa, diretora de Trabalho, Emprego e Renda de Santa Catarina afirma que casos como este são comuns:

- Eles alugam para um ou dois e acabam aceitando outros haitianos no mesmo quarto. Eles se apoiam muito para evitar dormir na rua. Se amontoam nas moradias para baixar o custo dos quartos.

A casa do bairro EFAPI foi alugada pelos próprios haitianos, sem intermédio de empresas que contratam imigrantes. A agroindústria Aurora Alimentos e a fábrica de bicicletas infantis Nathor, por exemplo, forneceram alojamento para os haitianos contratados em Brasileia, nos seis primeiros meses.

O presidente da Sitracarne, Jenir Ponciano de Paula é avalista de alguns haitianos do sindicato e sabe que alguns brasileiros não alugam para os imigrantes. “É triste. Porque eles não atrasam e pagam em dia.”



# EDU- CA- ÇÃO



CHERY CLAREN

“Muitos não têm como atestar a sua escolaridade e acabam entrando em turmas com nível inferior”

Chery Claren olha a paisagem em movimento enquanto o carro acelera. O silêncio logo é quebrado quando ele esfrega as mãos umas nas outras e questiona:

- Será que eles vão gostar de mim?

Com um suspiro, o rapaz de 23 anos confidencia:

- Agora só falta casar e ter filhos.

Às 18h50 daquela segunda-feira, hora de trânsito intenso na rodovia SC 401, em Florianópolis, Chery abre a bíblia e lê com voz grave e ar solene um versículo do livro de Salmos, em crioulo. De calça e sapato social, suéter azul claro, camisa branca e gravata preta, o haitiano não está a caminho da igreja Congregação Cristã, na qual frequenta todos os domingos. Chery está indo para o seu primeiro dia de aula do curso de Direito, no Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina (CESUSC).

Claren foi o primeiro estrangeiro a integrar o Programa de Estágio Antonieta de Barros (PAB), na Assembleia Legislativa, em 2014. A trajetória da homenageada negra o inspirou

a fundar em outubro daquele ano a Associação Kay Pa Nou (Nossa Morada, em tradução livre), dedicada a ajudar imigrantes haitianos em Florianópolis.

- Antonieta de Barros entrou na escola bem tarde. Queria favorecer os homens do morro que não tiveram acesso à educação, então ela alfabetizava as pessoas. Estudou direito e pedagogia – ressalta.

Em 1935, foi eleita a primeira deputada em Santa Catarina. Instaurou o debate racial e defendeu a educação pública e gratuita no Estado. Assim como Antonieta, Chery defende o ensino como ponto principal na vida dos imigrantes.

- Através da educação, os haitianos vão conseguir se comunicar, se socializar – diz o estrangeiro que concluiu o Ensino Médio no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), no ano passado.

Cerca de 75% das pessoas com ensino superior no Haiti migraram para outros países, assegura o relatório “Um novo perfil para os migran-



FOTOS: Luiz Fernando Carioni

tes como consequência da crise econômica recente” (em tradução livre), lançado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 2013. O estudo contabilizou 35 milhões de migrantes graduados nos 34 países membros da OCDE, em 2011, um aumento de 70% comparado com 2001.

O Conselho Estadual das Populações Afrodescendentes em Santa Catarina (CEPA) estima que 23% dos haitianos no Estado possuem ensino médio completo e apenas 2% são analfabetos.

Embora 75% possuam algum tipo de escolaridade, a matrícula de estrangeiros nos CEJAs, escolas da rede estadual ou na Educação de Jovens e Adultos (EJA), vinculadas ao município, aumentou em 2015, explica Beatris Clair Andrade, Gerente de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Estadual de Educação.

- Muitos vão estudar não é porque precisam da escolaridade, é que eles querem ter domínio da língua portuguesa, da leitura escrita para trabalhar. Se há cinco anos não existia essa procura, a partir do início deste ano ela é recorrente, principalmente em algumas regiões e cidades, como Itajaí, Sul do Estado, no Oeste e mais recentemente em Florianópolis.

Para se matricular em qualquer instituição de ensino, o imigrante precisa apresentar o histórico escolar com tradução juramentada. Apesar do Estado possuir tradutores credenciados, o serviço é particular.

Para Daniel Rock Mathieu, membro da Associação dos Haitianos de Santa Catarina, em Santo Amaro da Imperatriz, os que não podem pagar pelo trabalho têm dificuldade em validar os documentos:

- Algumas pessoas já têm o ensino médio, mas querem fazer o curso superior. Como vão ter acesso?

Beatris afirma que a Secretaria da Educação de Santa Catarina irá encaminhar um projeto para que as instituições de ensino possam reconhecer os documentos sem precisar de carimbos e tradução juramentada.

- Muitos não têm como atestar a sua escolaridade e acabam entrando em turmas com nível bem inferior – explica.

Mesmo sem os documentos, o imigrante pode comprovar a sua profissão através do Programa de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada

(Certific). Proposto pelo Ministério da Educação e implementado pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), os trabalhadores recebem um certificado que constata suas habilidades.

A prioridade da Secretaria da Educação de Santa Catarina é formar turmas de alfabetização. A adaptação e o progresso dos imigrantes são visíveis na sala de aula, relata a gerente de Educação de Jovens e Adultos:

- O nosso nível de educação básica fica aquém do conhecimento que eles têm e o que eles buscam.

Se, por um lado, os professores têm o desafio de lidar com alunos estrangeiros que buscam aprender sempre mais, por outro, os haitianos incentivam e promovem o progresso da turma.

- Em nível de desenvolvimento intelectual e condição cultural eles querem aprender mais. No Brasil, a escolaridade básica tem outro ritmo – explica Beatris.



# O IDIOMA

“Imaginem que vocês são professores de História ou repórteres. Contem o trajeto de vocês até o Brasil”, pediu a professora e diretora Clarisse Maria Schreiber Boing. Na Escola de Educação Básica Christoph Augestein, em Blumenau, 47 haitianos aprendem português, no projeto Viver Cidadão. As aulas gratuitas, ocorrem nas noites de quarta-feira e contam com 11 voluntários: seis pedagogos, dois professores de idiomas, dois estudantes de pedagogia e um morador da comunidade.

Ao observar o entorno da escola, no bairro Salto Weissbach, a professora Ana Amélia Fernandes percebeu a presença da comunidade haitiana e idealizou o projeto.

- Por que não utilizar o prédio da escola e realizar uma ação social abrangente para a comunidade?
- questionou para os funcionários da escola.

Na manhã ensolarada de sábado, outro grupo de imigrantes aprendiam a conjugar os verbos e realizavam exercícios de pronúncia, na escola particular Pontinho Estudantil, também em Blumenau.

- Repitam comigo, fra-fre-fri-fro-fro, cra-cre-cri-cro-cru” - dizia a professora de português, Débora Michele dos Santos Weiss para os 23 haitianos em sala de aula.

A ideia de criar o curso para estrangeiros surgiu em um balcão de empregos, após ver os haitianos procurando trabalhos e cursos, conta a diretora da escola, Cláudia Matteussi.

Em julho o projeto saiu do papel, com 24 matriculados. O curso semestral custa R\$ 99 por

mês - seis estudantes recebem bolsas parciais ou integrais oferecidas pelas empresas em que trabalham. A produtora de pães Thabrulai, por exemplo, paga 45%

do valor para os haitianos contratados que desejam realizar o curso. A Ecco bolsas investe o preço total no único funcionário imigrante.

O programa Viver Cidadão não possui vínculo formal com a prefeitura ou o estado, os recursos financeiros e materiais advêm de doações de entidades civis e algumas igrejas.

- Eu não sei como a gente pode reivindicar as políticas públicas, porque o projeto é voluntário. Já ganhamos algumas coisas, mas não vamos dar conta para continuar com o projeto por muito tempo - revela a diretora Clarisse.

Na escola Christoph Augestein, o método utilizado é do educador Paulo Freire. Através de debates sobre as experiências do grupo, são realizados exercícios de escrita e fonética.

- É muito diferente do que trabalhar com crianças. Eles têm histórias bem complicadas. Ao trazer essa pessoa para dentro da sala, você tem que ensinar muito mais do que o próprio idioma - explica Ana.

Em uma das tarefas no Pontinho Estudantil, um rapaz alto e careca escreveu no quadro-negro: Eles têm dois carros.

- Por que você colocou o acento circunflexo? - questionou Débora.
- Porque está no plural, professora.

A sentença correta foi motivo de festa. Os colegas aplaudiram e o felicitaram em português. Se em sala de aula, quem ensina é o professor, Débora conta que com os imigrantes a cada dia aprende mais.

- Eles não são coitados e não gostam de ser vistos como coitados. São pessoas competentes e determinadas.

A diretora Clarisse acredita que as produções textuais produzidas pelos haitianos no projeto Viver Cidadão serão um documento no futuro.

- Nós estudamos as histórias dos imigrantes alemães, italianos, árabes e japoneses. Agora eles é que vão contar as suas histórias para nós.

*“Estudamos as histórias dos imigrantes alemães, italianos, árabes e japoneses. Agora eles é que vão contar as suas histórias para nós”*



Webster fala crioulo, francês, inglês, espanhol, português e alemão. Trabalha como professor, em Blumenau

WEBSTER FIEVRE

# O POLIGLOTA

Sentado nos bancos de madeira da igreja Adventista do Haiti com as pernas sem alcançar o chão, Webster Fievre escutava atento às pregações do pastor. As palavras sobre o céu e a terra, Deus e os homens eram transmitidas em francês, espanhol e inglês. A cada culto, um idioma diferente. A curiosidade do menino o fazia participar de todos os encontros no edifício acoplado ao Colégio Adventista do Haiti, onde estudou até o ensino-médio. Aos 13 anos, falava inglês e espanhol, além do crioulo e a língua oficial, o francês.

- Quem sabe você não trabalha com tradução? - incentivou um professor da escola.

O aluno se matriculou, então, em um curso de alemão e estudou por quatro anos até tornar-se fluente. Além da língua germânica sabe falar crioulo, francês, inglês, espanhol e português. Hoje, trabalha como professor, em Blumenau.

Com os passos rápidos e caminhar firme, Webster abriu a porta da escola Pontinho Estudantil, se dirigiu até o balcão da recepção e entregou seu cartão de apresentação. Um mapa-múndi no meio do papel e abaixo a profissão do haitiano de 26 anos: professor de idiomas. Quando soube do curso para imigrantes, não hesitou em organizar seu currículo e conversar com a diretora Cláudia Matteussi.

O rapaz esguio e simpático foi contratado e é monitor da turma de sábado. Circula por entre os estudantes, tira dúvidas e explica em crioulo. Mas esse não foi o seu primeiro emprego no Brasil. Assim que chegou ao país, trabalhou como promotor de vendas, na rede de supermercados Araújo, em Rondônia. Era responsável por conferir os preços e a data de validade em 11 lojas.

Trabalhou também como gestor de pessoas, na empresa de limpeza urbana, Marquise.

Ligava para os haitianos, marcava e realizava as entrevistas. Para Webster, aquilo não era o bastante. Queria desbravar o Brasil. Seguiu os conselhos de um amigo e viajou para Blumenau, conhecida como a cidade germânica do Sul.

Decidiu morar no país depois de concluir o curso de Agronomia, na República Dominicana. Viajou por conta própria durante quatro dias. Da República Dominicana comprou uma passagem de avião até o Equador. De lá, pegou um ônibus até o Peru. E outro até o Acre. Gastou R\$ 5 mil.

Com a ajuda dos imigrantes que frequentam a escola Pontinho Estudantil e a lan-house JD Multiservices, fundou a Associação de Haitianos em Blumenau, a Brahaitianos Unidos, uma referência a união de brasileiros e haitianos. "O intuito da associação é legalizar os estrangeiros no país. Eles têm formação, mas não é válida no Brasil. Muitos estão sem CPF", argumenta. Webster também dá aulas de idiomas de graça para os membros da associação. "Os cursos são importantes para os imigrantes estudarem e aprenderem sempre mais".



# OS ESTUDANTES DA UFSC

No intervalo da aula na Universidade do Estado do Haiti, o professor Anil Louis-Juste (53) foi ao banco na rua Capois. Aquela manhã de terça-feira percorria como o previsto para o doutor em Sociologia: acordar, ir à faculdade ensinar sobre as lutas históricas do Haiti e realizar pagamentos. Não chegou a pagar as contas. O homem de dread recebeu dois tiros por uma dupla de motoqueiros que o tentaram assaltar. Ele morreu às 15h, no dia 12 de janeiro de 2010.

Os estudantes de Etnologia e Ciências Humanas invadiram a praça Champ de Mars e queimaram pneus em protesto. A dúvida sobre um assassinato planejado permanece até hoje. Enquanto o professor estava no hospital, as aulas foram suspensas e todos se reuniram para aguardar notícias. Assim

oscilava quando seus amigos a convenceram a ficar ali. Na mesma noite, conseguiu ligar para o seu pai. Viu pessoas amputadas e outras que perderam a família toda. Uma prima de Nahomie morreu. “Até hoje a gente sente as sequelas do terremoto.”

Pierre Joseph Nelcide estava no último ano do curso de Economia em 2010. No dia 12 de janeiro ele não teve aula. Conversava com três pessoas em frente ao seu apartamento, no final da tarde de terça-feira. Os amigos se despediram, entraram em suas casas e sentiram o tremor.

“O que é isso? Um caminhão bateu no prédio?”, Pierre pensou assustado no momento do terremoto. Passaram-se 35 segundos e o chão começou a tremer novamente. O rapaz correu para fora de casa. Em menos de um minuto o edifício de dois andares desabou.

Pierre encontrou dois vizinhos da roda de conversa, exceto Solita, estudante de Contabilidade, de 22 anos, que morreu soterrada quando retornou ao prédio para buscar o sobrinho.

À medida que à noite caía, os moradores se reuniam no campo de futebol do bairro Petionville. O chão continuou a sacudir naquela madrugada que ninguém dormiu. Sem lençol ou pertences, os haitianos seguravam apenas as mãos uns dos outros.

Dentro do avião Nahomie repetia de maneira pausada e articulando as vogais da única palavra em português que sabia falar: “Boooum dí-a”. Ela viajava com Pierre e mais outros 24 estudantes rumo à Florianópolis, no dia 10 de agosto de 2011.

Pierre era recém-formado em Economia e novo funcionário concursado da Sogebank, um dos três maiores bancos do Haiti quando decidiu vir para o Brasil. Os dois conterrâneos moravam em Porto Príncipe e estudavam na Universidade do Estado do Haiti. Mas só foram se conhecer através do Programa Emergencial Pró-Haiti em Educação Superior.

NAHOMIE LAUORE

FOTOS: Luiza Possami Kons

que contaram a Nahomie Laureore o ocorrido, a terra começou a tremer, às 16h53.

Eles acharam que era uma bomba - retaliação ao professor assassinado que participava e protagonizava manifestações por melhorias na universidade. Muitos correram para as garagens. Algumas paredes da biblioteca caíram, o edifício balançou e, por sorte, não caiu.

Somente ao sair do prédio é que as pessoas entenderam que se tratava de um terremoto. Nahomie andava pelas ruas e via escombros de escolas, prédios e casas. Alguns estavam nus. A haitiana chorava e só pensava em voltar para casa. O chão ainda



“Meu sonho não é ter dinheiro, e sim ser professor da universidade. Pode ser em qualquer lugar do mundo”

PIERRE JOSEPH NELCIDE

## { EDUCAÇÃO }

Em agosto deste ano, Nahomie e Pierre completaram quatro anos no Brasil. Os dois ganharam uma bolsa de estudos no programa que visa contribuir para a reconstrução do país caribenho. A estudante de 28 anos aprendeu português o suficiente para cursar Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e fazer estágios na Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC) e na redação do projeto de extensão Cotidiano UFSC. Pierre realizou um processo seletivo para entrar na pós-graduação, pois havia concluído um curso superior no Haiti. Em 2014, iniciou o mestrado na área. E, em 2015 foi selecionado no doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os estudantes do programa Pró-Haiti aguardavam a professora de português, em uma sala no Centro de Ciências Jurídicas da UFSC. Não conheciam a língua, tampouco os costumes da cidade. Observavam as amplas janelas e as cortinas batendo no vidro. A lousa branca e a mesa de madeira posicionada em sua frente. Estavam apreensivos e empolgados com o que lhes aguardava.

- Olá, eu me chamo Sylvia e vim dar aula para vocês - apresentou-se Sylvia Gouveia para o grupo.
- Ahn? - exclamaram os alunos sem entender o que a professora dizia.

Nos primeiros cinco meses eles aprenderam português para então, estudar nos respectivos cursos. A primeira compra da turma foi um dicionário bilíngue francês/português.



- A gente andava no ônibus com o dicionário na mão e todo mundo olhava e dava risada, foi bem engraçado - conta o economista de 31 anos, que não se intimidou em conversar com brasileiros em praias e festas em Florianópolis.

Em um país onde o idioma materno é o crioulo e o oficial é o francês, aprender outra língua não é uma das tarefas das mais complicadas, relata Pierre. Além dos dois idiomas, os estudantes falavam inglês antes de vir para o Brasil.

No último dia de aula, Sylvia repetiu a mesma frase de apresentação:

- Olá, eu me chamo Sylvia e vim dar aula para vocês.

Dessa vez, todos entenderam.

Trocar um emprego fixo e uma carreira em ascensão no Haiti por um futuro incerto no Brasil pareceu uma atitude arriscada para alguns amigos e familiares de Pierre. No Haiti, ele ganhava um salário fixo de 20 mil gourdes por mês, em torno de R\$ 806, mais uma comissão que variava entre 500 G a 600 G, de R\$ 20 a R\$ 25, de acordo com o câmbio de julho de 2011. Quase três vezes o salário mínimo do país na época, de 200 G por dia. Já no Brasil, sua bolsa do mestrado em 2015 é de R\$ 1.500.

- Apesar de ganhar mais, eu fico mais pobre no Brasil. Porque aqui as coisas são mais caras do que no Haiti.

Embora seu poder de compra tenha diminuído, Pierre faz o que mais gosta: estudar. Ele pesquisa a política fiscal e monetária do Brasil e pensa em concluir a tese no doutorado.

- Meu sonho não é ter dinheiro, e sim ser professor da universidade. Pode ser em qualquer lugar do mundo. Se for no Haiti, eu vou ficar feliz. Se for no Brasil também.

Pierre corre ao redor do ginásio no Centro de Desportos com os colegas do time de vôlei da Universidade Federal de Santa Catarina. A bola rodopia de um canto a outro, de maneira cada vez mais forte e constante. O técnico bate palma, analisa as jogadas e chama a atenção dos atletas. À medida que o semestre avança, os treinos se intensificam. Desde 2014, o haitiano é o meio-de-rede na seleção da UFSC.



Em Cayes, sua cidade natal, jogava na posição de zagueiro na terceira divisão do clube de futebol Gabion Team. Nunca havia jogado vôlei até vir para o Brasil. Já que estava em outro país, resolveu aprender um esporte diferente, além do idioma.

- O professor me deu as táticas, as técnicas e fui jogando até entrar no time da universidade. De todos os esportes que joguei, o vôlei é o que eu mais gosto.

Após três anos e meio de curso de Comunicação Social na Universidade do Estado do Haiti, Nahomie teve a oportunidade de realizar seu desejo de estudar em outro país. Só não esperava que fosse após o terremoto de 2010. Se o curso de Comunicação Social era principalmente teórico, o Jornalismo na UFSC equipado com tecnologia de rádio, televisão e fotografia completou sua formação prática.

- Os jovens que estudam na Universidade do Estado do Haiti fazem sucesso quando vão para fora do país, pois junta a bagagem teórica e prática. Eles sempre conseguem atingir seus objetivos intelectuais - ressalta Nahomie.

Assim que ela desceu as escadas do avião no aeroporto Hercílio Luz, sentiu o vento gelado de inverno. Porto Príncipe, cidade em que a haitiana morava, possui temperatura média anual de 27° C, ao contrário de Florianópolis que marca em média 21° C. O clima foi uma das maiores diferenças que sentiu, além da comida.

- Os ingredientes são parecidos, mas a gente usa mais tempero, sal e pimenta - descreve.

Nahomie sente falta do arroz com *lalo*, o *tonmtonm* e a tradicional sopa de abóboras. O “famoso legume no Haiti”, como ela define o *lalo*, é uma folha verde consumida com arroz branco. Já o *tonmtonm* é um prato feito com fruta-pão amassada e misturada com um molho de quiabo. “É uma massa que se come sem mastigar, só engole como sopa.”

No 1º dia do ano a tradição é comer a sopa de abóbora, o símbolo da independência. O prato representa a rebelião e a derrubada dos poderes coloniais franceses, já que os escravos eram proibidos de consumir a comida. O preparo é variado. “Tem gente que acrescenta macarrão, carne e banana verde.” Desde 1804, as famílias haitianas compartilham o alimento. “O ingrediente principal é o *salsão*”, confidencia a haitiana como se estivesse contando um segredo. “É o que eu mais sinto falta”, e dá um suspiro prolongado, “da família e da comida”.

Para Pierre, as diferenças entre Brasil e Haiti vão além dos alimentos.

- Quando você chega num lugar no meu país e não conhece a pessoa, você cumprimenta. No Haiti é alegria, barulho em qualquer lugar. Aqui não existe isso. O povo é mais fechado do que lá - explica.

Apesar das diferenças, o economista afirma ter feito mais amigos brasileiros do que haitianos no país.

- A primeira coisa que eu fiz foi fazer amigos daqui. Me ajudou para aprender português, treinar a língua. O time de vôlei ajudou muito para isso.

Os mais próximos de Nahomie são os conterrâneos do seu país:

- A gente veio junto sem família de sangue e acabou criando laços. A gente compartilha da mesma cultura, se entende melhor. A gente sabe que se precisar de alguma coisa pode contar um com o outro.



NAHOMIE LAURORE

# O ALUNO TRABALHADOR

“Eles querem estudar. Os pesquisadores pontuam que é um perfil diferente de estrangeiro. Querem se especializar”

Com os dedos posicionados nas cordas do violão, **Derson Langue** permanece na posição até as crianças o copiarem. Em seguida, toca uma música com poucas notas. No Cabo Haitiano, cidade próxima ao mar do Caribe, trabalhava como professor de música para jovens em uma organização não governamental (ONG). Além do violão, ensinava contrabaixo, bateria e teclado.

No Brasil, o haitiano de 24 anos trabalha na higienização de máquinas, da agroindústria BRF (Brasil Foods) e estuda Agronomia na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

Derson entrou na universidade através do Programa de acesso à Educação Superior para haitianos – PROHAITI. O projeto nasceu a partir do protagonismo dos próprios imigrantes. Em 2013, eles procuraram a UFFS e questionaram sobre os cursos de graduação. A iniciativa contempla o haitiano trabalhador da região, ao contrário do Programa Emergencial Pró-Haiti em Educação Superior, que selecionou os estudantes nas universidades em Porto-Príncipe, em 2011.

O haitiano reserva as tardes para dormir. Seu trabalho começa às 21h até as 5h, na limpeza das máquinas. A maior dificuldade é em relação ao frio na agroindústria. “Não gosto da temperatura, não me sinto bem.” Das 7h15 até o meio-dia estuda Agronomia. Nos finais de semana revisa os conteúdos da aula e toca violão e teclado na igreja evangélica “Casa do Pai”. O haitiano pensa em montar uma banda com brasileiros e haitianos. Com os amigos da associação, toca *soul* e *konpa*, gênero haitiano que mistura ritmos africanos e dança de salão.

Desde a sua criação, o PROHAITI contou com 95 inscrições. Após passar por uma prova com 50 questões do ENEM, 49 foram selecionados.



FOTO: Aline Takaschima

- Eles querem estudar. Os pesquisadores pontuam que é um perfil diferente de estrangeiro. Eles querem se profissionalizar - afirma a pedagoga e membro da Comissão PROHAITI, Sandra de Ávila Farias.

Se pudesse escolher um emprego, Derson trabalharia com música e agronomia:

- Cada pessoa tem sua história e vocação. Vai querer trabalhar naquilo que sabe fazer. Gosto do serviço, mas seria melhor trabalhar na minha área.



A ONU estima que 50% da população pratica vodu

# A FÉ

A igreja espelhada da Assembleia de Deus, de Itoupauva Central, contrasta com as casas coloniais germânicas distribuídas na rua recém-asfaltada. Em frente ao edifício, um morro é coberto por árvores altas e um manto verde. Na manhã de domingo, o silêncio e o canto dos pássaros só são quebrados quando um carro em alta velocidade corta a pista. Já na porta da igreja escuta-se o coro dos fieis embalados por uma bateria e um teclado. Cerca de 70 pessoas balançam o corpo e cantam enquanto acompanham a mulher com voz aguda no microfone. Alguns seguram bíblias, outros levantam o braço e uns poucos tiram fotos e filmam com celulares e *tablets*. O culto é em crioulo, os presentes são haitianos e a cidade é Blumenau.

Vivian Kreutzfeld Bertoldi, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação de Tecelagem de Blumenau, Sintrafite, visita toda as semanas as fábricas e conversa com os imigrantes. Aproximadamente 90% dos caribenhos que conheceu são evangélicos.

- Quase não se encontra haitianos em bailes e festas na cidade. O principal lazer dos haitianos é ir à igreja - surpreende-se.



FREDERICK ALI

## Eu sinto que tenho uma chamada de Deus para o Ministério. Eu quero ser pastor

FREDERICK ALI



Desde 2013, a igreja abre as portas para os imigrantes realizarem celebrações em sua língua materna. Antes das 8h30, as primeiras bicicletas encostam na garagem improvisada ao lado do imóvel. Os homens vestem camisa e calça jeans, com exceção de três líderes que usam terno e gravata. As mulheres estão de saia com tecido colorido e camisa social. No último domingo de agosto, há dois bebês de poucos meses e uma criança de seis anos que anda para lá e para cá.

O levantamento da *Pew Research Center* de 2010 revela que 56,8% dos haitianos são católicos e 29,6% são protestantes. O último censo das Organizações das Nações Unidas (ONU) publicado em 2006 indica que 15,4% dos evangélicos são batistas, e 7,9% pentecostais, grupo que se enquadra a igreja Assembleia de Deus.

“A bíblia diz: somos luz na treva. A luz tem que andar como luz e a treva como treva. Jesus nos chamou para fazer diferença”, enfatiza Frederick Aly segurando um radinho de pilha sintonizado nas pregações do pastor e deputado federal Marco Feliciano.

Assim que chegou a Blumenau em 2013, o evangélico de 27 anos procurou uma igreja. Reprovou a primeira que visitou, no centro de Blumenau, pois mais “parecia um cinema”. Até que conheceu a de Itoupava Central, onde se identificou.

Em uma só voz, os fiéis cantam de olhos fechados, batem palmas e repetem palavras ora com a cabeça baixa, ora olhando para o teto. Do lado esquerdo do altar, três mulheres dançam e pulam. Na fileira da frente, um homem rodopia com os braços

estendidos. O ritmo da música fica cada vez mais rápido e a voz da cantora com boina quadriculada mais estridente.

Cada membro da igreja tem um “dom”, descreve Aly. Tem os que têm o dom da profecia, aqueles que falam a língua dos anjos e outros que têm a “missão” de evangelizar.

- Nós temos uma chamada para buscar e trazer pessoas para a igreja. Marcos fala: vá a todos os mundos para mostrar o novo evangelho - ressalta Aly citando o livro de Marcos capítulo 16, versículo 15, em que adverte: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”.

Quando Aly começou a participar das atividades da congregação, apenas sete haitianos dividiam com ele as cadeiras do templo. Hoje, mais de 60 frequentam ao menos uma vez por semana.

O culto é dividido em momentos de louvor, pregação e oração. Às 11h um homem de terno cinza, prendedor de gravata dourado e sapato de verniz abre a Bíblia e lê uma passagem para logo depois discursar enquanto mexe os braços e muda o tom de voz dando ênfase a certas palavras. Ele fecha os olhos e começa uma oração de cinco minutos. Em seguida, é o momento para apresentação de fiéis que exibem algum talento artístico ou compartilham alguma história. Um CD roda no aparelho de som e uma canção caribenha invade o salão no último volume. Um homem anda pelo corredor em direção ao altar. Segura o microfone, olha para a plateia e começa a dançar e cantar seguido de aplausos, risos e filmagens.

Até as 12h30, os haitianos partilham a manhã de domingo com os seus. O momento final é de cumprimentos, abraços e conversas. Alguns permanecem na igreja, outros esperam o ônibus ao lado do edifício, mas a maioria busca a bicicleta na garagem improvisada e pedala em direção a sua casa.

Essa é uma das três Assembleias de Deus em Blumenau que realizam atividades em crioulo. As outras se encontram nos bairros Itoupava Norte e Salto Norte. Jean Rosier Doralus frequenta esta última e é um dos alunos da Escola Teológica de Blumenau (ETEBLU). O haitiano de 32 anos está há seis meses no curso, que tem duração de dois anos.

- No meu coração eu sinto que tenho uma chamada de Deus para o Ministério. Eu quero ser pastor - revela o fiel que conta com a ajuda de um pastor para pagar integralmente a mensalidade de R\$ 200.

O que mais gosta de estudar no curso de Teologia são as histórias da Bíblia. Até agora já leu o Pentateuco, cinco primeiros livros do antigo testamento.

Se nos cultos das igrejas da Assembleia de Deus em Blumenau ocorrem uma verdadeira catarse, no Haiti as celebrações evangélicas são ainda mais intensas, explica Jean. “No Haiti é diferente. As pessoas dançam mais e são mais alegres”.





## A Igreja Católica não é mais a religião oficial do Haiti desde a Constituição de 1987, mas exerce forte influência no país

A Constituição do Haiti garante o direito à liberdade religiosa. Sendo que ninguém pode ser obrigado a pertencer a uma organização religiosa contrária às suas convicções, além de reconhecer a prática de todas as religiões e credos. Apesar do vodu ser uma crença trazida pelos africanos e praticada pelos escravos no Haiti desde o século XVIII, só foi considerada religião em 2003, no governo de Jean-Bertrand Aristide.

No livro “Vingadores do Novo Mundo: A história da revolução haitiana” (em tradução livre), o autor Laurent Dubois afirma que o vodu era um espaço de liberdade no sistema escravagista. Para o professor da Duke University, a religião ajudou a lançar as bases da revolta dos escravos no Haiti. Antes da insurreição de agosto de 1791 há o registro de duas cerimônias importantes. A primeira, uma vaca foi sacrificada para a divindade Ogun. A segunda em Bois-Caiman, um porco foi morto. Os rituais tornaram-se símbolos importantes na revolução do Haiti.

A *Pew Research Center* estima que 2,2% da população é voduísta. Porém, de acordo com a ONU 50% da população pratica vodu combinado com outra religião, na maior parte com o catolicismo.

Antes de se converter à religião e almejar ser pastor, Jean queria ser político.

- Gostaria de contribuir quando a cidade tem algum problema com água ou buraco na rua, ter essa responsabilidade social.

Também já pensou em ser apresentador de televisão. Mas, por enquanto, pretende seguir no “Ministério de Deus”, como ele mesmo descreve. Jean estende os braços e se despede, caminha em direção à porta, para por alguns segundos, vira o rosto e pergunta:

- Um cristão pode trabalhar no política? - antes de receber uma resposta, emenda - depois da Teologia eu vou estudar política.

No dia da sua eucaristia, Saint-Luc Fenélus olhava para o sapato desconfortável que machucava os pés, as mangas de sua camisa branca e o sentido de todo aquele ritual.

- Padre, por que estou aqui? Não entendo.

O sacerdote olhou para a criança e respondeu:

- Continue na igreja e em oração e um dia você vai entender.

O haitiano seguiu o conselho. Completou o curso de licenciatura em Filosofia no Haiti e foi para a República Dominicana estudar Teologia no Convento dos Dominicanos, por três anos. Continuou os estudos no Equador, na Pontifícia Universidade Católica (PUC). Após quatro anos no país e um diploma nas mãos, decidiu ir para o Brasil fazer mestrado. Seu sonho é ser professor universitário de Filosofia e Direito. Em Joinville atendeu a outro chamado: ser padre e ajudar os haitianos da cidade.

Embora a Igreja Católica não seja mais a religião oficial do Haiti desde a Constituição de 1987, ela exerce forte influência no país. Certas comemorações oficiais são realizadas nas catedrais católicas, como missas “Te Deum”, para o Dia da Independência, Dia da Bandeira e o Dia dos Fundadores.

Saint-Luc chegou a São Paulo com o propósito de seguir a vida acadêmica, em fevereiro de 2014. Mas se deparou com a dificuldade de encontrar emprego na capital. A inscrição na faculdade só abriria em julho daquele ano. Sem perspectiva de trabalho, viajou para o Rio de Janeiro. Lá, enfrentou a mesma situação. A matrícula da PUC começaria no início do segundo semestre e não havia oportunidades de emprego. Um amigo falou sobre Joinville. Mesmo sem conhecer, decidiu ir para a maior cidade de Santa Catarina. Trabalhou no almoxarifado da Biblioteca da Diocese. Recebia os livros novos, os distribuía e guardava.

O sacerdote divide seu tempo entre a igreja e a educação.

- Na minha terra, um dos valores é o estudo. Meus pais queriam que eu estudasse em outro país. Muitos brasileiros falam mal dos haitianos, mas alguns têm até três faculdades.

Quando o bispo diocesano dom Irineu Roque Scherer descobriu que Saint-Luc era formado em Teologia, decidiu ordená-lo padre, em agosto de 2014.

Este ano, ele foi selecionado no curso de Direito Canônico, na Universidade de Estrasburgo, na França. Mas a igreja decidiu que Saint-Luc deveria permanecer em Joinville e trabalhar com os haitianos.

“Muitos estão indo a igrejas protestantes, mas assim que conversarmos com eles, iremos resgatar a maioria” - planeja o padre.

{ HISTÓRIA }



FOTO: Base naval dos Estados Unidos / Mass Communication Specialist 1st Class David A. Frech

# BRASIL E HAITI

## MINUSTAH

Crianças com as mãos estendidas esperavam ganhar qualquer coisa. Homens e mulheres andavam sem destino pelas ruas em Porto Príncipe. De dentro da viatura, o capitão de corveta, Vilson Sérgio 'Montanha' Bottaro, viu as consequências do terremoto de 7 graus na escala Richter, que matou mais de 240 mil pessoas, feriu outras 300 mil e deixou 2,3 milhões de desabrigados, de acordo com o governo haitiano. Em fevereiro de 2010, um mês após o desastre, o oficial cumpriu a missão de enviar suprimentos para a população.

Em fevereiro de 2004, os primeiros fuzileiros navais chegaram ao Haiti para garantir a saída dos funcionários da Embaixada do Brasil. O país vivia mais um período de instabilidade com violência entre gangues rivais e protestos diários. Jean-Bertrand Aristide, presidente desde 2001, renunciou após ser acusado de fraude eleitoral. No mesmo ano, o Brasil aceitou o convite para liderar a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (Minustah).

A missão sempre teve como comandante um militar brasileiro. O general Ajax Porto Pinheiro é responsável por 2.181 militares de diversos países como Chile, Filipinas e Canadá. Ele assumiu a Minustah em outubro, após a morte do general José Luiz Jaborandy Júnior. O antecessor sofreu um mal súbito em um voo do Haiti para o Brasil. Antes de Jarobandy, o comando era do general Urano Teixeira Bacelar, encontrado morto em janeiro de 2006, no quarto

do hotel que morava em Porto Príncipe com um tiro provocado pela sua própria arma.

O Conselho de Segurança da ONU determinou que a missão termine em outubro de 2016. O ex-ministro da Defesa, Jaques Wagner, revelou em audiência da Comissão de Relações Exteriores do Senado, que o Brasil enviou mais de 30 mil militares para o país caribenho e investiu R\$ 2,3 bilhões.

A ONU reembolsou cerca de R\$ 1 bilhão. Se em abril de 2010, dois meses após o terremoto, o contingente do país líder era de 2.188 militares, em agosto de 2015 diminuiu para 981, aponta o relatório do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Durante os anos de missão, 2006 foi o período mais violento no Haiti, afirmou o capitão Montanha, em palestra promovida pelo "Núcleo de Pesquisas e Extensão sobre as Organizações Internacionais e Promoção da Paz, dos Direitos Humanos e da Integração Regional", em agosto na UFSC. "Havia combate com gangues e alguns partidários políticos estavam em conflito."

O relatório de dezembro de 2006 da Minustah destaca:

*O Haiti apresenta baixos níveis de violência se comparado com o resto do mundo. Enquanto no país caribenho há cinco mortes para cada 100 mil habitantes, a média mundial é de sete homicídios para 100 mil pessoas*

“A situação permanece frágil e volátil. Grande parte da violência continuou a ter lugar na capital (...) Apesar de sequestros serem frequentes em Porto Príncipe, ocorreram com menos frequência do que o ano passado. As taxas de homicídio também mostraram algum declínio. Contudo, ataques armados contra a Minustah e manifestações violentas têm se manifestado.”

No Haiti, há os que são favoráveis à presença da ONU e do Brasil, e outros que não aceitam. Diante de manifestações contrárias à Minustah, o oficial da Marinha se coloca no lugar do outro.

- Imagina uma tropa de segurança no meu país, impondo algo. Como fica meu direito de ir e vir?

Embora entenda a resistência dos haitianos, defende que a intervenção é necessária.

- Os fatos levaram diversos países para lá. Hoje o Haiti é mais seguro. As pessoas andam na rua. A missão da ONU teve frutos.

Embora mais de 75% dos assassinatos ocorram em Porto Príncipe, o Haiti apresenta baixos níveis de violência se comparado com o resto do mundo. Enquanto no país caribenho há cinco mortes para cada 100 mil habitantes, a média mundial é de sete homicídios para 100 mil pessoas, apontam os “Estudos Globais sobre Homicídios”, de 2013, do Escritório da ONU para Drogas e Crimes (UNODC). No Brasil, o número é quatro vezes maior que o do Haiti. A cada 100 mil pessoas, 20,4 morrem por disparo de armas de fogo, revela o “Mapa da Violência 2013”, do Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos.

Se o objetivo inicial era a ocupação, após janeiro de 2010 passou a ser a ajuda humanitária. O relatório do Conselho de Segurança das Nações Unidas, em fevereiro de 2010, afirma que uma das cinco estratégias adotadas é de “coordenar e facilitar as operações de socorro após o terremoto com o objetivo de reduzir os riscos de desastres futuros.” Para o capitão Montanha, “se dependesse de uma mobilização dos países para chegar até o Haiti e dar apoio após o terremoto, o processo de ajuda seria muito mais lento.”

Outra missão da Minustah em conjunto com o governo haitiano é fortalecer e profissionalizar a Polícia Nacional Haitiana (PNH). A meta é formar um efetivo de 15 mil homens em 2016. Atualmente, o primeiro grupo de segurança que atua em casos de violência é a PNH, seguida da UNPOL, a polícia da ONU e por último a força militar. O oficial da Marinha conta que a situação do país é estável. “Estamos atuando com uma força de reação. Realizamos escolta, patrulha e atividades cívicas.”

## O PASSADO

Pessoas penduradas no portão pediam para entrar na Embaixada do Brasil em Porto Príncipe. Outras ameaçavam invadir a instituição. O adido policial, Ildo Rosa, ordenava fechar as entradas. Os 90 haitianos que passavam pela porta aguardavam a concessão de asilo político, a chance de sair do país em convulsão, naquele ano de 1989.

Ildo Rosa tinha 38 anos quando foi escolhido para garantir a segurança do embaixador Guy Mendes Pinheiro de Vasconcellos. Sabia que teria muito trabalho pela frente, já que a era dos Duvalier, Papa Doc e Baby Doc, chegava ao fim após 28 anos. O presidente do Haiti, Prosper Avril, conduzia o país de maneira similar que a família de ditadores. Ele contava com o apoio dos *tontonmakout*, milícia paramilitar de voluntários criada em 1959 por François Duvalier, o Papa Doc. Estima-se que o grupo espancou, estuprou, torturou e matou entre 30 mil e 60 mil haitianos, revela o autor Mike Levy, no livro Enciclopédia de Direitos Humanos, publicado em 2009, nos Estados Unidos.

Na primeira semana em Porto Príncipe, o grupo de brasileiros da embaixada se apresentou ao serviço da Presidência da República, no Haiti.

- Ah, brasileiros! Com vocês não têm problema - disse o funcionário haitiano.

- Como não tem problema? - pensou Ildo, sem entender o porquê daquilo ser dito.

No mesmo dia compreendeu. O carro com a bandeira do Brasil era seguido por haitianos sorridentes, que aplaudiam e dançavam. “Era o cajado de Moisés”, compara Ildo Rosa.

Os haitianos se identificavam com o país miscigenado e uma seleção de futebol composta basicamente por negros, explicou o ex-adido policial e atual delegado da Polícia Federal, em Santa Catarina.

- É no Brasil Pelé que eles transferem admiração e carinho, através do futebol - e conclui - O Brasil encarna alguns aspectos que eles gostariam de ser e nunca foram.



EX-ADIDO POLICIAL IILDO ROSA ABRAGADO COM OS FUNCIONÁRIOS HAITIANOS DA EMBAIXADA, LEBONTE (À ESQUERDA) E AURÉLIO (À DIREITA)



FALTA DE

PASPO

# POLÍTICAS PÚBLICAS

Chery Clarens viajou para o Equador, Bolívia e Peru, até chegar de ônibus a Brasileia, município no interior do Acre, fronteira com a Bolívia. A cidadezinha de 23 mil habitantes recebeu quase o total da população, cerca de 20 mil imigrantes, apurou a ONG Conectas Direitos Humanos. Uma nuvem de poeira se misturava ao vento quente e o calor pegajoso, no galpão superlotado projetado inicialmente para receber 300 pessoas. O abrigo funcionou até abril de 2014.

Desde 2012, o governo brasileiro autoriza a concessão de vistos humanitários para haitianos. Como eles não são considerados refugiados - não fogem de guerras ou perseguições -, o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) instituiu a Resolução Normativa 97. Para o cônsul do Brasil

no Haiti, Victor Hugo Irigaray, a expectativa é de que o decreto diminuísse a entrada ilegal dos haitianos no Brasil, “o que de fato não ocorreu”.

A ONG Conectas Direitos Humanos escreveu uma reportagem para a revista *Carta Capital*, em agosto de 2013, descrevendo a situação dos imigrantes em Brasileia:

“Vivem confinados num galpão (...) em condições insalubres de higiene, repartindo o uso de apenas 10 latrinas e 8 chuveiros, onde não há distribuição de sabão nem pasta de dente, o esgoto corre a céu aberto e as pessoas são empilhadas durante meses num local de 200 m<sup>2</sup>, com teto de zinco, no qual lonas plásticas negras servem de cortina, sob temperaturas que chegam aos 40 graus. O hospital local diz que 90% dos pacientes provenientes do campo têm diarreia.”

**“Você está na fronteira. Nem de um lado, nem de outro. Você não é. Você não existe. Não está nem no Haiti nem no Brasil. Está num limbo. Uma situação em que não tem direitos”**

No seminário “Migrações Contemporâneas e Direitos Fundamentais de Trabalhadores em Santa Catarina”, que ocorreu em outubro, na Assembleia Legislativa de Santa Catarina, o professor da Universidade Federal do Amazonas, Sidney Antônio da Silva, explicou sobre a condição dos imigrantes que viajam ilegalmente:

- Você está na fronteira. Nem de um lado, nem de outro. Você não é. Você não existe. Não está nem no Haiti nem no Brasil. Está num limbo. Uma situação em que não tem direitos.

Em agosto, o CNIg renovou a concessão de visto humanitário por um ano, com o objetivo de combater os “coiotes” – traficantes de pessoas que facilitam a entrada de pessoas no Brasil através de rotas clandestinas. A Agência Brasileira de Inteligência (Abin) estima que a organização criminosa já faturou US\$ 60 milhões nos últimos quatro anos.

**“Em média, três pessoas migram por família. Em breve os 80 mil haitianos no Brasil irão triplicar”**

Se em 2012 foram concedidos 1.404 vistos no serviço consular da Embaixada do Brasil, até setembro de 2015 o número chegou a 11.023.

- Considerando que, em média três pessoas por família migram, em breve os 80 mil haitianos no Brasil irão triplicar – estima Irigaray.

Para aprimorar o processo de concessão e emissão de vistos, foi criado em Porto Príncipe, o Centro de Pedido de Visto Brasileiro (BVAC, em Inglês). A expectativa é de que 500 vistos sejam concedidos semanalmente, de acordo com o cônsul. O centro começou a funcionar em setembro, no prédio da Organização Internacional para as Migrações (OIM).

A BVAC auxilia na inscrição online e verificação dos documentos: currículo, comprovante de residência e passaporte. Irigaray afirma que o centro deslocará o fluxo de haitianos em frente ao edifício da Embaixada do Brasil, desobstruindo o acesso ao prédio e às ruas vizinhas, diariamente congestionadas.

## DEVER DA UNIÃO

Embora o Brasil conceda o visto humanitário para os haitianos, não possui uma política para atender aqueles que chegam ao país. Em junho, a Justiça do Trabalho determinou que o Governo Federal assumira as políticas migratórias para o trabalhador estrangeiro e seja responsável pelos abrigos no Acre. A decisão da juíza titular da 2ª Vara do Trabalho de Rio Branco, Silmara Negrett Moura é decorrente de uma ação civil pública do Ministério Público do Trabalho (MPT) do Acre.

“A omissão do Governo Federal desde o início da crise migratória no Estado do Acre tem gerado verdadeiros depósitos de trabalhadores migrantes em abrigos improvisados - antes em Brasiléia, hoje em Rio Branco. Abrigos bastante parecidos às senzalas do Brasil Colônia do século XIX!”, denunciou o processo do MPT. Também foram investigados casos de imigrantes selecionados para o trabalho através da espessura da canela e genitália.

**O Ministério da Justiça recebeu R\$ 15 milhões para o fortalecimento e a ampliação de uma rede de apoio a imigrantes e refugiados**

O Governo Federal tem um prazo de 120 dias, até novembro de 2015, para cumprir as obrigações, caso contrário, deve pagar uma multa de R\$ 100 mil por dia. A ação pública estipula que a União pague uma indenização de R\$ 50 milhões, por dano moral coletivo. O montante deve ser destinado à promoção de políticas públicas de acolhimento.

Ildo Rosa, delegado da política federal e responsável pelos registros dos estrangeiros, sente o impacto da falta de políticas públicas:

- Existe toda uma condição migratória na parte de documentação e acolhimento que nunca foi pensada para esse nível de demanda. Tem muita gente chegando e pouca coisa concreta e objetiva para se fazer. Os três níveis de poder estão como cachorro que cai de mudança, não sabem para onde vão.

O Ministério da Justiça recebeu R\$ 15 milhões para o fortalecimento e a ampliação de uma rede de apoio a imigrantes e refugiados no país. Os recursos da medida provisória nº 697, assinada em outubro pela presidente Dilma Rousseff, serão utilizados para consolidar uma rede de centros de referência e acolhida aos imigrantes, explicou o secretário nacional de Justiça, Beto Vasconcellos, em reportagem à Voz do Brasil.

O diretor do Departamento de Estrangeiros, João Guilherme Granja afirmou que o Ministério da Justiça pretende institucionalizar as ações realizadas em diferentes estados:

- Não podemos replicar trabalhos já feitos. É necessário sobreviver às mudanças de gestão. Para que não perca qualidade de debate em torno de direitos humanos – disse, no seminário “Migrações Contemporâneas e Direitos Fundamentais de Trabalhadores em Santa Catarina”.



## A LEI

A necessidade de uma nova lei que substituísse o Estatuto do Estrangeiro – Lei 6.815/1980, ganhou força com a chegada dos haitianos e de outros estrangeiros. Em agosto, o Projeto de Lei 288/2013, de autoria do senador Aloysio Nunes (PSDB-SP) foi encaminhado para a Câmara dos Deputados como Projeto de Lei 2.516/2015.

- A cabeça das pessoas mudou, mas não mudaram as leis. Segundo o Estatuto do Estrangeiro, os imigrantes que não estão em situação regular, não existem. A lei vigente bebe de períodos autoritários no Brasil, o período da ditadura – explicou João Guilherme Granja, no seminário sobre migrações.

O projeto que tramita no Congresso Nacional traz uma série de direitos e garantias para os imigrantes, como o repúdio à xenofobia, acolhida humanitária e a não criminalização da imigração.

- Não cabe ao Poder Legislativo desenvolver estratégias para que órgãos como a Polícia Federal, o Itamaraty e o Ministério do Trabalho ajam para pôr em prática esta mudança de paradigma, que é a nova Lei de Migração. Essas atribuições são do Executivo – escreveu o senador Aloysio Nunes para o jornal *Folha de São Paulo*.

## O GINÁSIO

As luzes acesas do Ginásio Saul Oliveira, o Capoeirão, davam impressão de que ainda era dia naquela madrugada de maio. Os colchões postos lado a lado cobertos com lençol e cobertor. Num canto, logo na entrada, uma pilha



FLORIANÓPOLIS RECEBEU 488 IMIGRANTES ATRAVÉS DO CONVÊNIO DA SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO DO ACRE COM O MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

de blusas, calças, casacos, meias e sapatos – provisão para aqueles que atravessaram a América até a ponta do Brasil com uma mala pequena com poucos pertences. Mais de dez pessoas, entre assistentes sociais, médicos e voluntários aguardavam a chegada de mais um ônibus vindo do Acre.

Os brasileiros esfregavam as mãos umas nas outras e tomavam café para espantar o sono:

- Como esse povo vai dormir nessa noite gelada? Tá frio até para gente, imagina para eles que não estão acostumados – exclamou uma voluntária vendo as baforadas de ar quente saírem da sua boca.

Já passava das 3h quando um ônibus encostou ao lado do portão do ginásio. Um grupo de 19 pessoas desceu as escadas com o semblante cansado e confuso.

- *Bienvenue. Bienvenue* - repetia Chery Clarens com um largo sorriso enquanto cumprimentava uma parte dos conterrâneos. Com o andar apressado, ele conduziu os haitianos para o abrigo.

**“A prefeitura, o governo e a imprensa acham que a imigração começou com os ônibus que vieram do Acre. Mas esse movimento ocorre há mais de 10 anos”**

Florianópolis recebeu 488 imigrantes – desses, 452 eram haitianos - através do convênio da Secretaria do Desenvolvimento do Acre com o Ministério da Justiça, entre maio e agosto deste ano. O município e o governo do Estado souberam que ônibus custeados pelo governo estavam a caminho do Sudeste e do Sul do Brasil através de reportagens na internet.

- As informações eram desencontradas. Tivemos que perguntar para o Ministério da Justiça se eles realmente estavam vindo - informou Dejair de Oliveira Junior, secretário municipal da Assistência Social.

Enquanto um funcionário da prefeitura dava instruções em português, Chery e Barnabas Jonathas faziam a tradução simultânea para o crioulo. Após a janta, os recém-chegados receberam um quite com sabonete, escova e pasta de dente. Os que tinham amigos ou parentes na região, deveriam entrar em contato com eles. Também foram fornecidas passagens de ônibus para os imigrantes viajarem para outras cidades, até o destino final.

De acordo com a Secretaria Municipal de Assistência Social, o município gastou R\$ 113,6 mil, com alimentação, passagens rodoviárias, lavanderia e horas extras aos fun-

cionários. O Estado repassou ao município R\$ 50 mil.

- A debilidade das informações é uma consequência direta da ausência de política pública para tratar o tema – disse Angela Albino, ex-secretária estadual de Assistência Social, Trabalho e Habitação de Santa Catarina, em audiência pública sobre imigração, em junho, na Assembleia Legislativa.

Para o padre Joaquim Roque Filippin, da Pastoral do Imigrante de Florianópolis, o fluxo de imigrantes na capital não é novidade. Desde agosto de 1996, o sacerdote atende estrangeiros na cidade:

- A prefeitura, o governo e a imprensa acham que a imigração começou com o ônibus do Acre. Mas esse movimento ocorre há mais de 10 anos.

Os haitianos se reuniram em uma roda no meio do abrigo. Em uma só voz cantaram uma música melancólica, que ecoou por todo o ginásio. Uma mulher grávida com uma peruca de cabelo ondulado e chinelo sem meias segurava a mão de um homem esguio com o rosto largo. Ao seu lado, um jovem – aparentando no máximo 20 anos – com boné e casacos sobrepostos. Os que chegaram aquele dia se juntaram com os que já estavam ali. Chery falou sobre união e apoio e, em seguida, puxou um Pai-Nosso em crioulo.

## APOIO E ACOLHIMENTO

No fundo da Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus, na Prainha, uma multidão de haitianos, latinos, africanos e sírios esperam para entrar na sala de 18 m<sup>2</sup>. Com os braços apoiados em uma mesa de madeira, uma mulher morena de cabelos cacheados e óculos de grau, explica com o ar sério e compassivo, o endereço de uma entrevista de emprego para um haitiano.

A antropóloga Tamajara Silva é a única funcionária contratada da Pastoral do Imigrante, entidade que orienta os imigrantes a se regularizar e trabalhar no Brasil. Munida com um computador e um telefone, ela chega a atender 65 estrangeiros por dia, de 32 nacionalidades. Até setembro de 2015 ela realizou 820 cadastros e mais de três mil atendimentos, sendo 48% haitianos.

- Como vamos atender a todos de uma forma conveniente? Temos que ter um local e equipe adequada para lidar com a questão de documentos e realizar ligações com as embaixadas e consulados. É necessário conscientizar

a prefeitura – explica o padre Joaquim Roque Filippin, responsável pelo projeto criado em 1996.

Atualmente, a Pastoral do Imigrante funciona com doações individuais.

Entre março de 2014 até março de 2015, a entidade recebeu R\$ 13 mil, da *Scalabrini International Migration Network*, rede de apoio da congregação scalabriniana. Embora o orçamento deste ano tenha sido aprovado, a instituição ainda não recebeu o dinheiro.

- Às vezes nos falta até papel para imprimir os currículos - reclama Tamajara.

*“Nós lidamos com os imigrantes e refugiados todos os dias. A gente sabe que a temporalidade do poder público é muito diferente da nossa. Mas a necessidade deles é urgente”*

A procura maior dos imigrantes é por emprego. A Pastoral atua também na renovação do passaporte, certidões consulares e o trabalho social com imigrantes em situação de rua.

- Nós lidamos com os imigrantes e refugiados todos os dias: eu quero emprego, eu quero isso, eu quero aquilo. A gente sabe que a temporalidade do poder público é muito diferente da nossa. Mas a necessidade deles é urgente. – lamenta Tamajara Silva, entre um atendimento e outro.

O Grupo de Apoio aos Imigrantes e Refugiados em Florianópolis e região (GAIRF), defende a criação de um Centro de Referência para Apoio a Refugiados e Imigrantes. Eles afirmam que o local deverá possibilitar “ações concretas nas áreas de educação, saúde, orientação quanto à documentação e geração de renda”.

O secretário municipal de assistência social, De-jair de Oliveira Junior, explicou na reunião do Grupo de Trabalho de Imigrantes (GTI), em setembro, que o município está em contenção de despesas e que não será possível construir ou criar o Centro de Referência na Capital.

*“Nós não temos centro de referência, nós não temos casa de acolhimento, as instituições não tem condições de manter esse serviço. É papel do estado catarinense”*

## { POLÍTICAS PÚBLICAS }

Já a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil aprovou a construção de uma casa de acolhimento para os imigrantes e refugiados no bairro de Coqueiros, em Florianópolis. Fabiana Gonçalves, funcionária da Cáritas, instituição humanitária da igreja Católica, explica que a entidade formou uma comissão para organizar a estrutura, que deve começar a funcionar no ano que vem.

- Nós não temos centro de referência, nós não temos casa de acolhimento, as instituições não tem condições de manter um serviço que não é só papel dela, é papel do estado catarinense. Até agora não surgiu nada. O tempo passa as pessoas chegam, as demandas aparecem. E os estados dizem que não são o seu papel, o município diz que não é o seu papel, o governo federal diz que não é o seu papel. Então de quem é o papel? – questionou Fabiana.

A situação é parecida em Joinville.

Lizandra Carpes, assessora de comunicação do Centro de Direitos Humanos Maria da Graça Bráz, diz que a comissão permanente dos imigrantes, criada após uma audiência pública, em agosto, esbarra nos entraves políticos:

- É aquela questão de não assumir, não ter a responsabilidade de criação de política pública. É tudo muito devagar e o processo de imigração é rápido demais. A sociedade civil não pode assumir. Porque tira a possibilidade de criar políticas públicas a longo prazo.

**“O setor público trabalha com números e nós trabalhamos com pessoas”**

A prefeitura de Joinville está realizando um censo para saber quantos haitianos vivem na cidade, explica Márcio Sell, gerente de unidade de proteção básica da Secretaria Municipal de Assistência Social. Lizandra reclama que o processo é lento, pois os imigrantes só procuram



A PASTORAL DO IMIGRANTE CHEGA A ATENDER 65 ESTRANGEIROS POR DIA. ATÉ SETEMBRO REALIZOU 820 CADASTROS E MAIS DE TRÊS MIL ATENDIMENTOS

os postos de saúde quando estão doentes.

- O que dificulta a gente avançar é que o setor público trabalha com números e nós trabalhamos com pessoas.

Em Blumenau, dos 500 haitianos que vivem na cidade, poucos foram acolhidos pela Assistência Social. Isto porque a maioria se organiza em casas de conhecidos e parentes quando chega na cidade, constata Alessandra Fandaruff Bonelli, diretora de proteção básica.

Nos Centros de Referência de Assistência Social (Cras) são realizados os cadastros dos haitianos e uma entrevista para entender as demandas do imigrante. Eles também são atendidos pelo Programa Nacional de Promoção do Acesso ao Mercado de Trabalho, em busca de emprego.

O secretário Municipal de Desenvolvimento Social (Semudes), de Blumenau, Valdecir Mengarda, afirma que a assistência social consegue atender a todos os estrangeiros, mas não sabe como será quando o número de imigrantes aumentar.





FOTO: Pedro Stropasolias

- Nós estamos bem, mas é uma conjuntura. Imagina se a gente enfrentar uma segunda, terceira leva com os familiares. Não sabemos se a realidade será a mesma.

**“A gente não tem uma política nacional para os imigrantes. Nós trabalhamos por vias transversais. Os municípios fazem de acordo com as demandas que surgem”**

O diretor geral da Semudes, Marcelo Althoff explica que o trabalho do município é feito sem ajuda do Estado ou da União.

- A gente não tem uma política nacional para os imigrantes. Nós trabalhamos por vias transversais, porque não existe um cofinanciamento federal. O Estado não tá ajudando financeiramente. É uma política a ser construída. Os municípios fazem de acordo com as demandas que surgem.

O governador Raimundo Colombo (PSD-SC) instituiu o Conselho Estadual de Direitos Humanos (CEDH-SC), mas na prática, ele nunca foi criado. A lei nº 16.534 irá completar um ano em dezembro deste ano sem nunca ter saído do papel. O intuito é defender os direitos humanos e promover a igualdade de direitos civis, culturais, econômicos e sociais.

Em julho, o deputado Dirceu Dresch (PT-SC) solicitou a criação imediata do CEDH.

Em documento ao governador, escreveu: “sem dúvida alguma, esse Conselho contribuirá para definição de políticas públicas e diretrizes, no âmbito estadual, destinadas à proteção dos direitos humanos com a participação dos órgãos governamentais e da sociedade civil”.

Dentre as suas competências, o CEDH deve encaminhar petições, representações, denúncias ou quaisquer informações sobre condutas violadoras de direitos humanos às au-

toridades competentes e propor a elaboração de atos legislativos ou administrativos.

O parlamentar defende que pelo menos um dos 10 representantes de entidades não governamentais deva ser uma instituição de apoio e acolhimento de imigrantes.

No mesmo mês, o deputado requisitou a criação do Conselho Estadual do Imigrante, uma das propostas da audiência pública sobre imigração, em junho, na Assembleia Legislativa de Santa Catarina.

- A criação deste Conselho abre a possibilidade de o Estado de Santa Catarina elaborar uma política em defesa dos direitos e garantias fundamentais de todos os imigrantes que aqui chegam - argumentou em documento.

Até outubro, o governo estadual não se manifestou sobre a criação do CEDH e do Conselho Estadual do Imigrante.

O economista Luís Felipe Aires Magalhães, pesquisador do Observatório de Migrações de Santa Catarina e doutorando em Demografia, salienta que é dever do Estado se pronunciar.

- O que me chama a atenção é o completo silêncio. Ele [o governador Raimundo Colombo] só se posiciona através da Assistência Social, tratando a questão de forma assistencialista. Quando nós temos uma série de outras pastas que podem e devem atuar.

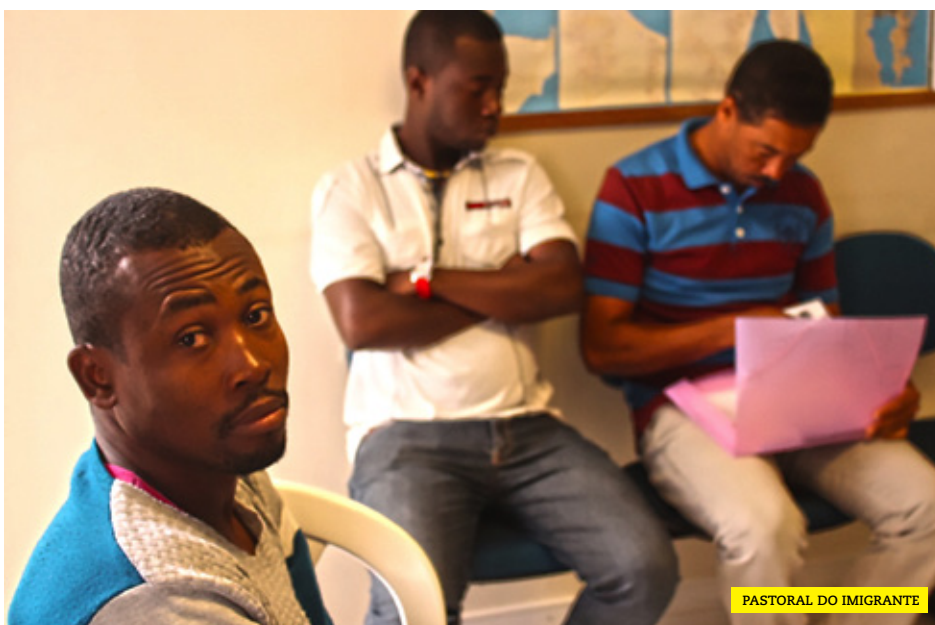
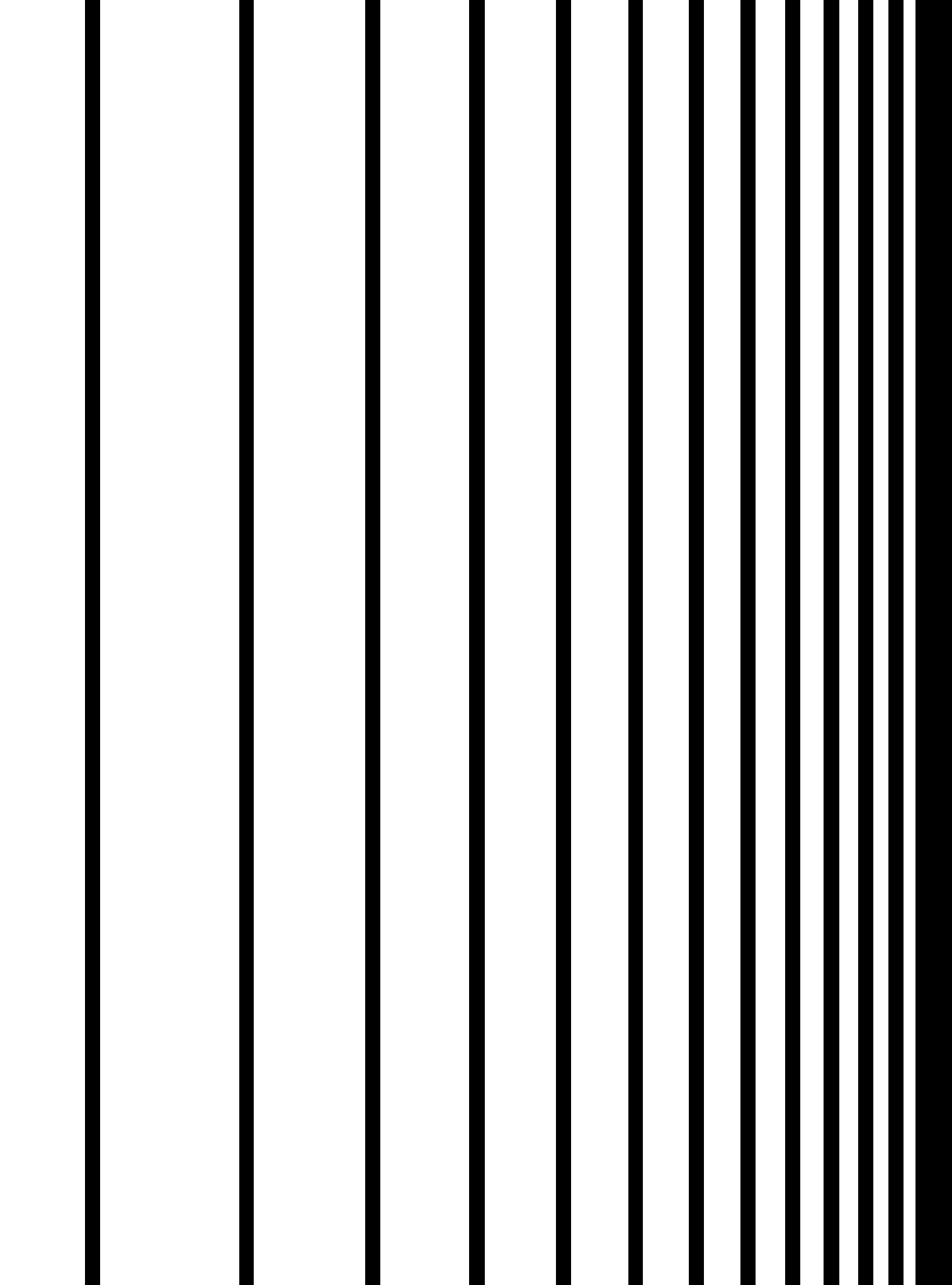


FOTO: Pedro Stropasolias

PASTORAL DO IMIGRANTE



# TRAVESSIA

História dos imigrantes haitianos em Santa Catarina

# TRAVESSIA

História dos imigrantes haitianos em Santa Catarina